UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

RODRIGO PUCCI

O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud.

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

RODRIGO PUCCI

O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA) / Instituições educacionais e formação do indivíduo.

Orientador: Prof. Doutor José Leon Crochík

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pucci, Rodrigo Marques.
O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud / Rodrigo Marques Pucci; orientador José Leon Crochík. -- São Paulo, 2011.
85 f.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adorno, Theodor Wiesengrund, 1903-1969 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 3. Psicologia social 4. Psicanálise I. Título.

B3199.A3

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rodrigo Pucci

O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA) / Instituições educacionais e formação do indivíduo.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Dissertação defendida e aprovada em _____/_____/_____

Dedico esta dissertação a três pessoas muito especiais: aos meus pais, Clóvis e Sônia, pela formação, pelo apoio incondicional, pela presença sempre carinhosa e compreensiva. Vocês foram essenciais na elaboração de cada linha dessa pesquisa. Obrigado! Dedico também, *in memorian*, à minha madrinha Luci, apaixonada pelo conhecimento; sempre me incentivou a imaginar um mundo diferente.

Produzir conhecimento é uma forma de ser imortal.

AGRADECIMENTOS

Obrigado Leon, pela parceria, serenidade e dedicação. Aprendi muito com suas reflexões precisas, sua exigência justa, com sua orientação consciente e generosa. Obrigado por me proporcionar e por compartilhar essa experiência intelectual inesquecível e fundamental à minha formação como ser humano. Você tem minha sincera admiração.

Agradeço ao professor Ari Maia, que nos tempos da graduação me apresentou Adorno e sua obra. Ali foi inoculado o vírus da crítica, o interesse pela produção de conhecimento e pela reflexão.

Obrigado Conrado Ramos pelas valiosas discussões travadas, pela simpatia, disponibilidade e companheirismo. Muito do que sei sobre a relação da Teoria Crítica e Psicanálise tem sua marca. Agradeço a suas enriquecedoras contribuições no exame de qualificação; esse diálogo foi fundamental para a dissertação final.

À Iray Carone pelas valiosas discussões que compartilhou comigo em sala de aula, no café, nos corredores. Faço um agradecimento específico às suas contribuições no exame de qualificação. Obrigado!

Um agradecimento muito especial a Giselle, pela parceria, companheirismo, cumplicidade, carinho, paciência e dedicação. Obrigado pela companhia indispensável, pelas horas de discussão, pelas reflexões e angústias compartilhadas. Suas contribuições estão *em* mim.

Aos meus estimados amigos pela paciência e ouvidos cuidadosos: Lauren, Filipe, Reinaldo, Estevão, Polyana, André e Maíra. Obrigado a todos que torceram por mim.

Aos meus irmãos Bruno, Túlio e Murilo pelo apoio e pela compreensão dispensada. Eles fazem a palavra *irmão* ter todo o nobre sentido que ela merece.

Obrigado também à FAPESP, pela bolsa que proporcionou a dedicação necessária a este trabalho.

Navegar é preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.
Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
e a (minha alma) a lenha desse fogo.
Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.
Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.
É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa

RESUMO

PUCCI, R. **O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud.** 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Com o advento da sociedade industrial do chamado capitalismo tardio, marcada por uma forma de dominação calcada na racionalidade administrativa e tecnológica, surge uma nova maneira de configuração dos indivíduos, representada por atitudes individuais padronizadas e irracionais, assim como também por um ego frágil, pouco desenvolvido e facilmente cooptado por movimentos sociais totalitários e irracionais. Diante dessa situação faz-se necessário pensar uma Psicologia social, de base psicanalítica, ligada ao estudo da relação entre indivíduo e sociedade, unida a uma teoria social e considerada sempre dentro do movimento histórico. Para contribuir com essa discussão, o objeto estudado desta pesquisa é o conceito de Indivíduo na obra de Theodor W. Adorno, e, o objetivo, analisar suas relações com o pensamento de Sigmund Freud, importante teórico que se propôs a estudar o indivíduo e suas atitudes irracionais. Vale ressaltar que a categoria indivíduo é uma das principais, se não a principal, categoria teórica da Psicologia como ciência, e apresenta-se, atualmente, como um elemento indispensável a qualquer tipo de transformação social ligada aos princípios de uma sociedade autônoma. Os resultados da pesquisa apontaram que *relevante* a psicanálise de Freud com certeza foi ao pensamento de Adorno, principalmente, em alguns temas específicos estudados por ele, ou seja, em textos e pesquisas específicas que tinham como reflexão a denúncia de fenômenos irracionais presentes no século XX, assim como também em estudos sobre os movimentos de massa contemporâneos, a personalidade autoritária, os fatores implicados no anti-semitismo e os efeitos psicossociais da indústria cultural. As reflexões de Freud que estiveram mais presentes nesses estudos foram as que se referem à psicologia de massa, libido, complexo de Édipo, id, ego, superego e narcisismo. Tais reflexões foram utilizadas, não sem críticas, por Adorno para auxiliá-lo, dentro do escopo de uma teoria social, a compreender o indivíduo, inserido na sociedade de massa contemporânea, e suas atitudes irracionais.

Palavras-chave: Indivíduo. Adorno. Freud. Psicologia Social. Psicologia de Massa. Psicanálise.

ABSTRACT

PUCCI, R. **The concept of individual in Theodor W. Adorno's work and its relationship with Sigmund Freud's thinking.** 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

With the industrial society advent within the so-called late capitalism, which is determined by the dominance of administrative and technological rationality, a new manner of individuals configuration emerged, being characterized by irrational standardized individual attitudes, as well as by individuals with a fragile and less developed ego who are easily carried out by irrational totalitarian social movements. In face of this situation, it is necessary to bear in mind a psychoanalytic-based social psychology which must be related to the study of the relation between the individual and society, and also linked to a social theory that is in accordance with a certain historical movement. In order to contribute to the discussion of this issue, the aim of this research is the concept of individual in Theodor W. Adorno's work and its objective is analyzing its relationship with Sigmund Freud's thinking, an important theorist who proposed the study of individual and his irrational attitudes. It is worthwhile to stress that the categorization of an individual is one of the main — not to say the most important — theoretical category of Psychology as a science and is presented, nowadays, as an essential element to any social transformation related to the principles of an autonomous society. The results of this research proved undoubtedly that Freud's psychoanalysis was relevant to Adorno's thinking, mainly in some specific themes studied by the latter, that is, in both texts and specific researches related to denouncing irrational social movements in the twentieth century, as well as some other publications on contemporary mass movements, the authoritarian personality, the factors implied in the anti-semitism and the socio-psychological effects in the cultural industry. Some of Freud's reflections that were present in Adorno's thinking are those which refer to mass psychology, libido, Oedipian complex, id, ego, superego and narcissism. Those studies were used by Adorno — and somehow criticized by him — to develop his own ideas in the scope of a social theory to understand individuals within the contemporary massified society and their irrational attitudes.

Keywords: Individual. Adorno. Freud. Social Psychology. Mass Psychology. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9
PRIMEIRA PARTE 14
1 A RELAÇÃO ENTRE TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE: QUESTÕES HISTÓRICAS 14
2 AS CRÍTICAS DE ADORNO AOS CONCEITOS DA PSICANÁLISE DE FREUD 17
2.1 O imperialismo da Psicanálise de Freud 19
2.2 A Psicanálise de Freud é adaptativa? 20
2.3 O anacronismo freudiano 24
2.4 A validade da concepção monadológica de narcisismo 26
2.5 A redução ao natural 27
SEGUNDA PARTE 36
3 A HISTÓRIA *NO* CONCEITO DE INDIVÍDUO 37
4 A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE 46
TERCEIRA PARTE 51
5 SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA 52
6 O INDIVÍDUO E A PSICOLOGIA DE MASSA FREUDIANA 61
7 A RELAÇÃO DO CONCEITO DE INDIVÍDUO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA NA PESQUISA SOBRE *A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA* 71
CONSIDERAÇÕES FINAIS 79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 84

INTRODUÇÃO

Com o advento da sociedade industrial do capitalismo tardio, marcada por uma forma de dominação calcada na racionalidade administrativa e tecnológica, surge uma nova maneira de configuração dos indivíduos, representada por atitudes padronizadas e irracionais, assim como por um ego frágil, pouco desenvolvido e facilmente cooptado por movimentos sociais totalitários e irracionais. Tal indivíduo é, simultaneamente, vítima e agente desse processo, já que é *cooptado passivamente* ao mesmo tempo que *age ativamente* a favor de sua própria opressão – essa é uma das contradições presentes na atual relação entre indivíduo e sociedade. Diante dessa situação, faz-se necessário pensar uma Psicologia Social ligada ao estudo da relação entre indivíduo e sociedade, unida a uma teoria social e considerada sempre dentro do movimento histórico.

A categoria indivíduo é uma das principais categorias teóricas da Psicologia como ciência, por isso conhecer os mecanismos psicológicos individuais e os comportamentos irracionais suscitados pela sociedade de massa contemporânea torna-se, atualmente, indispensável a qualquer tipo de transformação social ligada aos princípios de uma sociedade autônoma. Para contribuir com a construção desse conhecimento, o objeto de estudo desta pesquisa é o conceito de Indivíduo na obra do sociólogo alemão Theodor W. Adorno, e o objetivo é analisar suas relações com o pensamento de Sigmund Freud, importante teórico que se propôs a estudar o indivíduo e suas atitudes irracionais. Em última instância a presente pesquisa trata de como o indivíduo, em seu processo de formação, se relaciona com a sociedade, e para isso propomo-nos a estudar a experiência intelectual de um sociólogo – estudioso da sociedade –, que pensa o indivíduo enquanto um conceito sociológico em sua relação com o conhecimento produzido por um psicanalista – estudioso do inconsciente.

A discussão proposta pela presente pesquisa tem a intenção de refletir a relevância que a psicanálise freudiana teve na experiência intelectual adorniana, especificamente no que se refere ao indivíduo. Propõe a análise de estudos de Adorno sobre a subjetividade entendida enquanto socialmente mediada, além de procurar entender como ela se insere na discussão de uma teoria social.

Devido à atual dificuldade de modificar as condições sociais contemporâneas, torna-se imperante a defesa e o fortalecimento do sujeito para que este possa resistir à violência direcionada contra ele, ou nele suscitada. Disso se depreende a importância do estudo e do desenvolvimento das implicações sociológicas do conceito de indivíduo. E para abordar tal

temática faz-se necessária a construção de uma Psicologia que seja social para dar conta do indivíduo que é socialmente mediado.

Mas de qual Psicologia Social estamos falando? Theodor W. Adorno (1955) defende a Psicologia Social como uma disciplina sociológica, responsável pela relação entre o indivíduo e a sociedade, com uma especificidade que não deve coincidir nem puramente com a Psicologia, nem exclusivamente com a Sociologia. Essa Psicologia Social acaba representando uma crítica àquelas sociologias que pensam a sociedade sem indivíduos, assim como também se coloca como um contraponto àquelas psicologias que se voltam unicamente ao seu objeto, o indivíduo, ignorando que este se desenvolve socialmente e que são a sociedade e a cultura que lhe permitem se constituir como tal.

A partir disso, tal Psicologia Social deve manter seus fundamentos sob constante crítica para não se converter em "sociologismo" nem em "psicologismo"; deve preocupar-se em não tornar a sociedade um elemento absoluto, e tampouco considerar o indivíduo como algo natural e universal, pois a relação entre indivíduo e sociedade é histórica, e o fato de o indivíduo ser mais ou menos diferençado, autônomo ou heterônomo depende da configuração social e de sua necessidade de reprodução. Tornar absoluta qualquer uma dessas dimensões é cristalizar o fenômeno e perder seu movimento histórico.

Vale notar que a sociedade não determina externamente a formação do indivíduo, mas, sim, de forma imanente. Esse movimento implica que uma dimensão *passa* pela outra, mantendo a polaridade e o conflito que existe entre elas. Adorno enfatiza que a sociedade produz os homens que necessita para se manter tal como é.

Uma particularidade importante dessa Psicologia Social está pautada na constatação objetiva de que, na atualidade, a sociedade tem primazia acerca da determinação do comportamento individual, inclusive utilizando-se de estratégias repressivas que vão além do argumento racionalizado de manutenção da ordem e do bem-estar públicos, descambando para a dominação do homem pelo próprio homem.

Para Crochik (2008), o que distingue o objeto da Psicologia Social pensada por Adorno daquele estudado pela Sociologia não é a ênfase no indivíduo, o qual já deveria fazer parte integrante da Sociologia, mas sim os comportamentos irracionais manifestados em massas[1]. Como também não é a preocupação com as massas que diferencia o objeto dessa disciplina do que é estudado pela Psicologia, e sim tipos de comportamentos padronizados

[1] O termo *massas* aqui é compreendido segundo os diversos sentidos atribuídos por Freud em *Psicologia de massa e análise do ego*, de 1923: multidão, grupos, instituições.

que são expressos em sentimentos, pensamentos e tendências que levam a ações uniformizadas.

A partir disso, a pergunta que a Psicologia Social, pensada aqui, deve responder: "*Por que os indivíduos agem contra seus próprios interesses racionais?*". Sem, é claro, reduzir um fenômeno social a determinantes psíquicos. Ou seja, Adorno defende que o objeto de estudo da Psicologia Social seja o comportamento cada vez mais padronizado e irracional dos indivíduos, considerando que esses padrões irracionais de comportamento são suscitados pelo modo de produção irracional da sociedade capitalista contemporânea.

Para Adorno (1955), a Psicologia Social deve ser de base psicanalítica freudiana, porém sem se confundir com a Psicanálise e nem tampouco tentar compreender o objeto de estudo orientando-se única e exclusivamente por ela. Precisa basear-se em conceitos da teoria da sociedade e orientar-se, quando necessário, pelos cânones da Psicanálise freudiana. Seu objeto relaciona-se claramente com a diminuição do espaço psíquico, com a *atomização* social do indivíduo, que oprimido pelo intenso controle social age irracionalmente. A Psicologia Social deve estudar o indivíduo entendido como produto das pulsões individuais e da sociedade, deve entender a sua fragilidade ou sua possibilidade de resistência.

Resumindo, para Adorno, a Psicologia Social deve ter como objeto de estudo os comportamentos, sentimentos e pensamentos restringidos e contraditórios que expressam um ego frágil e pouco desenvolvido, deve voltar-se para os mecanismos psicológicos individuais formados, suscitados e administrados pelo modo de produção capitalista contemporâneo e entender por que os indivíduos agem a favor de sua própria opressão. Diferencia-se de outras concepções de Psicologia Social por destacar a importância dos indivíduos nos fenômenos de massas. Essa Psicologia deve sempre procurar utilizar os métodos de pesquisa mais avançados desenvolvidos pela ciência para estudar seu objeto.

A partir disso, a presente pesquisa vem para contribuir com a produção desse conhecimento, propondo um estudo sobre seu principal objeto, o Indivíduo. Pesquisaremos esse conceito na obra de Adorno, com o objetivo de compreender *por que* e *como* o frankfurtiano orientou-se por categorias da Psicanálise de Freud para pensar a dimensão individual da sociedade.

Para cumprir tal tarefa, nossa pesquisa se dividiu em três partes inter-relacionadas. Na primeira parte discorreremos sobre como se realizou historicamente a relação entre Teoria Crítica e Psicanálise, abordando, especificamente, por meio da análise de textos de comentadores da obra de Adorno, como o frankfurtiano refletia tal relação. De uma forma geral, o objeto de estudo desta pesquisa refere-se à relação da Teoria Crítica com a

Psicanálise. Vale destacar que a necessidade para tal relação teórica ter ocorrido dependeu intrinsecamente das condições sociais e objetivas presentes no momento histórico em que ela surgiu; e, nesse sentido, torna-se fundamental que nossa análise compreenda tais determinantes. Seguindo nessa direção, na primeira etapa dessa primeira parte da pesquisa foram destacados alguns episódios históricos relevantes para o surgimento do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Ou seja, por meio da análise da literatura produzida sobre o tema, identificamos as demandas sociais e objetivas que levaram o Instituto, enquanto instituição de pesquisa social, a recorrer a algumas categorias teóricas da psicanálise de Freud para abordar a forma contemporânea de configuração individual, expressa por comportamentos padronizados e contraditórios, suscitada pela sociedade totalitária e pela cultura de massa. Feito isso, na segunda etapa dessa primeira parte abordamos quais foram as necessidades históricas e objetivas que levaram especificamente Adorno, enquanto um integrante desse instituto, a recorrer à Psicanálise de Freud. Para cumprir tal tarefa, analisamos textos de comentadores da obra do frankfurtiano que evidenciam quais são e como se deram as críticas de Adorno às categorias psicanalíticas freudianas, para assim compreendermos como o teórico crítico se relacionou com o pensamento do pai da Psicanálise.

Na segunda parte tratamos diretamente do objeto de estudo por excelência desta pesquisa, ou seja, foram identificadas na obra de Adorno reflexões sobre o conceito de Indivíduo. Essa parte também se dividiu em duas etapas. Na primeira analisamos como Adorno abordou o conceito de indivíduo, nosso objetivo era identificar *como* ele entendia tal conceito. Ou seja, examinamos a forma com que Adorno analisa o processo histórico da humanidade representado *no* conceito de Indivíduo. Para tanto, refletimos o retorno do teórico a períodos históricos em que esse conceito, e principalmente o objeto ao qual ele se referia, apresentava-se apenas enquanto vestígio, como protótipo, como potência histórica. Na segunda etapa dessa parte da pesquisa refletimos como o frankfurtiano pensava a relação entre indivíduo e sociedade. É claro que ambas as etapas são intrinsecamente vinculadas, ou seja, a relação indivíduo-sociedade depende diretamente das condições históricas e objetivas nas quais ela está inserida.

Já na terceira e última parte, foi analisada, especificamente, a relação do conceito de Indivíduo na obra de Adorno com a Psicanálise de Freud a partir de duas questões: *por que* Adorno recorreu à psicanálise freudiana, e *como* o frankfurtiano se utilizou das categorias psicanalíticas para refletir o conceito de Indivíduo. Para responder a tais questões selecionamos textos de Adorno nos quais a relação entre o conceito de Individuo e a

Psicanálise é evidente. Começamos com a análise da pesquisa sobre *A personalidade autoritária*, de 1950, procurando responder *por que* e *como* Adorno, nessa pesquisa, se orientou por categorias da Psicanálise freudiana. Nessa terceira parte outros dois textos também foram selecionados e analisados, são eles: *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951) e *De la relacion entre sociologia e psicologia* (2004). No texto *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951) o objetivo era identificar como Adorno entendia a relação entre o indivíduo e a psicologia de massa e como o quadro de referencial teórico oferecido pela Psicanálise freudiana se insere nessa discussão. Já no texto *De la relacion entre sociologia e psicologia* (2004) procuramos desenvolver a discussão sobre a relação entre essas duas disciplinas tão caras à presente pesquisa, pensando como o estudo do conceito de Indivíduo socialmente mediado depende do desenvolvimento de reflexões que consideram o conflito entre o todo e a particular.

PRIMEIRA PARTE

1 A RELAÇÃO ENTRE TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE: QUESTÕES HISTÓRICAS

O surgimento do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, que em seus primórdios era uma instituição de pesquisa social marxista e que, mais tarde, deu origem à corrente de pensamento conhecida como *Escola de Frankfurt*, teve como pano de fundo dois fatos históricos relevantes. O primeiro foi a Revolução Bolchevista, ocorrida na Rússia, em 1917, onde, teoricamente, as condições objetivas para uma revolução social ainda não estavam postas, pois, nesse momento, o país dos Czares, praticamente monarquista-feudal, com um atraso econômico razoável, tinha uma classe operária pouco expressiva e um parque industrial pouco desenvolvido, se comparado a outros países da Europa. O outro fato histórico importante era a aparente "maturação" das condições históricas e objetivas propiciadoras de uma transformação social presentes em determinados países europeus, tal como, por exemplo, na Inglaterra, que teoricamente, segundo Marx, possuía as condições objetivas e políticas necessárias para realizar uma revolução social, já que era um país altamente industrializado e possuía um proletariado numeroso e com grande experiência de luta. Mas, mesmo com essa aparente "maturação" do processo político, a Europa não foi capaz de realizar a revolução socialista, pelo contrário, parcelas cada vez maiores do proletariado europeu assumiam posições conservadoras, chegando, por exemplo, ao ponto dos alemães elegerem, de forma democrática, em 1934, Adolf Hitler como seu governante e o nazismo como seu sistema político de governo. Como explicar tal contradição?

Tal contradição pode se referir à irracionalidade produzida objetivamente por determinada configuração grupal, a massa. Essa situação posta enquanto política de Estado pode propiciar o surgimento de comportamentos individuais irracionais e contraditórios. Dessa forma, mesmo que as condições objetivas para a revolução estivessem aparentemente "maduras", a grande oportunidade nunca foi aproveitada efetivamente, pois faltava compreender como os mecanismos sociais totalitários determinam objetivamente as condições *sócio-psicológicas* que podem impedir ou propiciar que a revolução efetivamente ocorra. Nos dois casos citados acima se revelou a força de determinação das condições sociais e objetivas sobre mecanismos sócio-psicológicos, gerando comportamentos irracionais e contraditórios. Ou seja, na Rússia, as condições objetivas se impuseram sobre as condições sócio-psicológicas, influenciadas pelo Partido Comunista Russo, que forçou a "queima de etapas" no processo revolucionário. Já na Alemanha, elas provocaram o *recuo* diante de uma

conjuntura socioeconômica favorável. No caso da Rússia, o desfecho foi, em princípio, favorável à classe operária, que agira de acordo com seus interesses de classe e de forma, aparentemente, racional. O problema maior estava na Alemanha, onde a situação se invertia, pois, o proletariado, ao guinar-se para o conservadorismo e, mais tarde, colocar Hitler no poder, agia num sentido diametralmente oposto aos seus interesses de classe, de maneira *irracional*. Essa questão ilustra o problema teórico da Escola de Frankfurt, ou seja, segundo Jacoby (1977), ela tinha a necessidade política e intelectual de explicar por que a sociedade burguesa sobreviveu às revoluções socialistas do início do século XX, apesar das condições para o colapso do capitalismo já estarem presentes. Ou seja, faltava o desenvolvimento das condições objetivas propiciadoras das condições sócio-psicológicas necessárias para que a revolução social ocorresse efetivamente. Em outras palavras, era necessário analisar e evidenciar a irracionalidade mobilizada nos indivíduos pelas condições objetivas da sociedade massificada e irracional do capitalismo avançado. Nesse processo de análise da irracionalidade, compreendida por meio de seus determinantes socias e objetivos, a Escola de Frankfurt recorreu a uma teoria psicológica: a Psicanálise freudiana.

Tanto Wiggershaus (2006) como Jay (2008) afirmam que, em sua fundação, o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt ainda não possuía a abertura teórica necessária para se relacionar com o pensamento de Freud. No início, o Instituto praticava um marxismo ortodoxo, sob direção e influência direta de Carl Grünberg. Nesse período, a instituição interessava-se primordialmente pela análise da infraestrutura socioeconômica da sociedade burguesa e pela história do socialismo e do movimento operário. Nos anos posteriores a 1930, a situação começa a mudar com a substituição da diretoria do Instituto, que de Grünberg passa a ser dirigido por Max Horkheimer, fazendo com que o interesse do Instituto apontasse para a superestrutura cultural da sociedade, além, é claro, da análise da realidade social e objetiva. Politicamente, Horkheimer foi um dos grandes responsáveis pela abertura da Teoria Crítica à Psicanálise de Freud[2].

Com as revoluções burguesas do século XVIII se constituiu, histórica e socialmente, a ideia de indivíduo, que, no atual contexto de massificação, foi levado à decadência e à obsolescência, também geradas por fatores sociais e históricos. Como escreveram Horkheimer e Adorno (1973): “A sociedade, que estimulou o desenvolvimento do indivíduo, desenvolve-

---

[2] Para saber mais sobre como a Teoria Crítica em geral e seus principais teóricos se relacionaram com a psicanálise veja: 1) JAY, M. *A imaginação dialética:* história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008; 2) ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989; e 3) WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt*: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

se agora, ela própria, afastando de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece esse mundo, de que intimamente depende, até o julgar coisa sua” (p. 55). Devido às constantes transformações, faz-se necessário que os conceitos também se transformem para acompanhar tais mudanças que ocorrem em seu objeto. Para não permanecerem como símbolos congelados e inexpressivos, os conceitos devem também modificar-se, a fim de se adequarem à realidade histórica. A teoria social vê-se obrigada a reconhecer a subjetividade no que ela tem de mais objetiva, a sociedade; ou seja, torna-se necessário analisar objetivamente por quais motivos um sujeito revolucionário não age, nem aparece. Ou ainda, por que o indivíduo moderno age contra seus próprios interesses sociais, de forma irracional e inconsciente.

Jay (2008) ressalta que as motivações dos homens na sociedade contemporânea deveriam ser estudadas e compreendidas como “ideológicas”, no sentido de Marx, e como psicológicas, no sentido freudiano. É necessário compreender o poder de permanência das formas sociais, uma vez que sua necessidade objetiva está ultrapassada.

2 AS CRÍTICAS DE ADORNO AOS CONCEITOS DA PSICANÁLISE DE FREUD

A partir das considerações anteriores, trataremos agora sobre como Adorno, em sua obra, se relacionou com os conceitos psicanalíticos freudianos. Para tal tarefa, foi realizada uma revisão na literatura sobre o tema e chegou-se, principalmente, à tese de doutorado realizada por Gomide, em 2007, intitulada *Um estudo sobre os conceitos freudianos na obra de T. W. Adorno.* A importância de se recorrer a essa literatura deve-se ao fato de que relevantes avanços na discussão sobre o tema devem ser considerados, que sejam para serem incorporados ou criticados, para que, com isso, possamos contribuir com a construção coletiva do conhecimento. Portanto, não é que estamos deixando de estudar as fontes primárias, que, no caso, são as obras de Adorno e Freud, mas sim estamos, neste momento da pesquisa, fazendo acréscimos a um conhecimento já existente sobre o tema.

Gomide (2007) dividiu sua pesquisa em duas partes, a primeira foi chamada de *As críticas de Adorno à psicanálise:* os limites da mônada psíquica, na qual destaca as críticas de Adorno à Psicanálise freudiana, já que assim, segundo a autora, ao apontar, por meio da análise histórica, os limites dos conceitos de Freud, o frankfurtiano buscava extrair os elementos de verdade que se encontravam imanentes aos conteúdos desses conceitos, ou seja, "seus núcleos críticos". Já na segunda parte, denominada *Implicações da psicanálise freudiana no pensamento de Adorno*, a autora desenvolve *como* o teórico crítico se apropriou da Psicanálise freudiana em seus estudos e reflexões sobre a sociedade.

A partir disso, iremos retomar algumas reflexões desenvolvidas por Gomide (2007) para adiante pensarmos qual foi a necessidade histórica que obrigou Adorno a relacionar seu conceito de indivíduo às categorias psicanalíticas freudianas. Porém, vale ressaltar o seguinte: como a própria autora destacou, Adorno, ao *criticar* os conceitos psicanalíticos, já está demonstrando *como* entendia tais conceitos e *como* pretendia utilizá-los em suas reflexões sobre a sociedade, tornando-se, portanto, desnecessário "*positivar*" a apropriação que esse autor fez da Psicanálise. Ou seja, devido a uma escolha metodológica, optamos por analisar, nesse momento da pesquisa, as críticas de Adorno em relação à Psicanálise freudiana destacadas por Gomide. Isso porque Adorno, ao refletir seus objetos de maneira *crítica*, procurava não sistematizar de forma afirmativa e "positiva" seu entendimento sobre o fenômeno estudado. Pois, dessa forma, estaria incorrendo no risco de ficar na "aparência" do objeto, apenas em seu campo fenomenal, sem atingir sua estrutura imanente, podendo, assim, no caso da Psicanálise freudiana, estar *reificando* determinados conceitos, *petrificando-os*,

quando, na realidade, eles são “datados” e utilizados para um fim específico, devido a uma necessidade específica e histórica. A Psicanálise de Freud, *em si*, não deu, nem vai dar conta de explicar os fenômenos sociais abordados por Adorno; ela deve ser utilizada em conjunto com uma teoria da sociedade e, principalmente, confrontada com a realidade social atual, e é só a partir dessa realidade que é possível recuperar sua dimensão de verdade. Nesse sentido, portanto, procuraremos não utilizar reflexões afirmativas sobre a apropriação da Psicanálise na obra de Adorno, pois essa apropriação ocorreu de forma *negativa*, como toda a formação do pensamento adorniano. Serão valorizadas e utilizadas, pois, as críticas apontadas pelo teórico sobre a Psicanálise como estratégia para entendermos sua relação com o pensamento freudiano.

Na obra de Adorno, a Psicanálise de Freud exerceu um papel relevante, principalmente, e com maior evidência, em textos e pesquisas específicas que tinham como reflexão a denúncia de fenômenos irracionais presentes no século XX, assim como em estudos sobre os movimentos de massa contemporâneos, a personalidade autoritária, os fatores implicados no antissemitismo e os efeitos psicossociais da indústria cultural. Ou melhor, devido às necessidades históricas impostas por um dos principais objetos de estudo de Adorno, qual seja, as irracionalidades presentes nos movimentos de massas da sociedade capitalista contemporânea, os conceitos da Psicanálise freudiana foram utilizados pelo frankfurtiano tanto em suas análises técnicas sobre objetos estéticos, como a música, como também em seus ensaios teóricos de crítica à ideologia e à cultura. Nesses últimos, são abordados e denunciados problemas referentes à formação cultural dos indivíduos expostos à situação de massa, problemas que se manifestam por meio de comportamentos, sentimentos e pensamentos restringidos, padronizados, contraditórios, ou seja, irracionais.

Como dito anteriormente, essa relação da Teoria Crítica de Adorno com a Psicanálise freudiana não foi incondicional, mas sim marcada por inúmeras críticas. Gomide (2007) destacou algumas dessas críticas, principalmente as que se referem às categorias formuladas na segunda tópica freudiana e à sua concepção “monadológica” de indivíduo. Dessa forma, ao contrapor as categorias psicanalíticas à situação do sujeito contemporâneo, fragilizado e esmagado pelas tendências sociais e objetivas do capitalismo de oligopólios, Adorno estaria apontando a historicidade e o real conteúdo presente nessas formulações. A autora situou essas críticas em cinco pontos fundamentais: “a redução ao natural”; “o imperialismo da psicanálise”; “a psicanálise adaptativa”; “o anacronismo freudiano” e “a crítica ao indivíduo-mônada e a sua força de sugestão: a validade da concepção monadológica de narcisismo”. De acordo com o objetivo desta pesquisa, vale a pena retomarmos e avançarmos a discussão dos

pontos fundamentais que compõem as críticas de Adorno à Psicanálise de Freud, conforme segue.

2.1 O imperialismo da Psicanálise de Freud

As considerações da Psicanálise freudiana sobre arte e política figuraram como um dos objetos da crítica de Adorno. Para o frankfurtiano, o principal equívoco da Psicanálise de Freud ao analisar esses fenômenos é tornar psicológico algo que é social. O pensamento freudiano, ao tentar reduzir fenômenos primordialmente sociais e históricos às leis do inconsciente "naturalizado" ou à "história interna" do psiquismo individual, acaba por tornar subjetivo e abstrato algo que é objetivo, ocultando assim a relação conflituosa desses fenômenos com a realidade social e histórica na qual eles se constituem.

A partir da crítica de Adorno, elementos constitutivos da arte, como seu sentido social e seu objetivo, são reduzidos e subsumidos pela aplicação de alguns argumentos da Psicanálise freudiana à análise da psicologia do artista, com interpretações psicológicas que priorizam a "libido" e as "neuroses" do autor. Um exemplo disso são as análises psicológicas, realizadas por Freud, de autores como Leonardo da Vinci (*Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci*, de 1910) e Dostoiévski (*Dostoiévski e o parricídio*, de 1928). Negligenciando as mediações sociais constituintes dessas obras, Freud buscou explicá-las por meio dos conflitos parentais vividos pelos artistas em suas infâncias. Foi dada pouca ou nenhuma ênfase às determinações sociais e culturais desses conflitos, que são menos referentes à dimensão particular e mais ligados às questões da totalidade social do momento histórico em que aconteceram.

Ainda no campo da estética e da arte, Adorno aponta o que há de falsidade e de verdade no conceito freudiano de *sublimação*. De acordo com Freud (1929), sublimação é o movimento da pulsão sexual desviada de seu objetivo original para um fim abstrato e socialmente aceito. Reparem no detalhe dessa definição: desviado para um fim *socialmente aceito*. Adorno questiona se a obra de arte, que segundo Freud é produto do processo de sublimação, deve ser, necessariamente, socialmente aceita. Para Adorno, o conceito de sublimação até tem algum valor explicativo para a análise estética, mas, mesmo assim, seus limites devem ser claramente marcados. Contraposto à arte de vanguarda, o conceito de sublimação mostra seus limites; nessa expressão artística a obra de arte causa estranhamento

na sociedade; não é aceita por ela. A arte de vanguarda deve denunciar a cisão entre o sujeito e a sociedade industrial ao romper com a vida uniformizada, causando, assim, desaprovação social. Ou seja, ser aceita socialmente não caracteriza necessariamente o sentido social e o objetivo da obra de arte legítima, por isso, nesse sentido, o conceito de sublimação freudiano deve ser repensado.

Gomide (2007) também compilou as críticas de Adorno acerca das considerações de Freud sobre política. Os apontamentos do teórico crítico denunciam os argumentos da Psicanálise freudiana que enquadram os indivíduos politicamente questionadores, os quais possuem comportamentos de resistência à ordem social, como aqueles que resolveram mal seu complexo de Édipo, dessa forma, reduzindo ideais políticos, que poderiam transformar a sociedade, a um simples processo patológico. Esse tipo de raciocínio desloca as gêneses da insatisfação e da indignação do sujeito, que pertencem à realidade social contraditória e injusta, para o interior do sujeito, em seus "conflitos edipianos" primitivos. Para a Psicanálise, a origem da indignação está no próprio sujeito que não resolveu bem seu complexo de Édipo, ocultando, dessa forma, a verdade social objetiva que determina esse sujeito e sua indignação. Esse ponto nos leva ao próximo tópico: a Psicanálise freudiana é adaptativa?

2.2 A Psicanálise de Freud é adaptativa?

Essa questão visa delimitar a responsabilidade teórica, clínica e técnica da Psicanálise freudiana, quer com a manutenção do *status quo,* quer com a resistência à dominação social. Nesse sentido, as críticas de Adorno apontam para a segunda tópica freudiana, especificamente, para o ideal de homem nela presente. A estrutura psíquica formulada por Freud (id, ego e superego) é um constructo teórico que tem como objetivo clínico a busca do equilíbrio de forças entre as três instâncias. Essa harmonização de forças, que são originalmente contraditórias e conflituosas na realidade social atual, configurou o que Freud chamou de "imagem analítica".

A "personalidade equilibrada" proposta como ideal pela Psicanálise freudiana, não se sustenta na realidade social atual, posto que a possibilidade de ocorrer um equilíbrio de forças entre os "anseios" individuais e as pressões sociais não existe na sociedade industrializada contemporânea, inclusive, ao contrário, é a desproporção de forças que constitui uma de suas

principais marcas. Tal tentativa de harmonização, devido à sua impossibilidade objetiva de se realizar, torna-se ideológica, portanto, favorável à dominação social sobre os indivíduos.

A Psicanálise de Freud, ao pressupor esse homem com a "personalidade integral", negligencia as condições sociais e objetivas que o determinam, além de negar descobertas anteriores da própria Psicanálise, que denunciavam a opressão social sobre o indivíduo e que criticavam a repressão pulsional da sociedade sobre o particular, ou seja, esse tipo de "equilíbrio" ignora contundentes argumentos de uma "Psicanálise ilustrada" que aponta a *não liberdade* do homem. Nesse sentido, Adorno tem uma frase lapidar que ilustra bem essa discussão: "Toda imagem de homem, com exceção da negativa, é ideologia" (Adorno, 1955, p. 175).

Nós concordamos com Gomide (2007) quando ela escreve que estabelecer um "modelo de homem" é característico da sociedade atual, é inerente à "doença" social moderna, na qual os sujeitos são cada vez mais invadidos por ideais reificados e totalizantes que os integram autoritariamente à vida social. O indivíduo mutilado e "adoecido" é levado a querer *ser* cada vez mais "doente". Atualmente, a "doença" e a irracionalidade consistem precisamente no que é considerado normal; o modelo de normalidade é o sujeito "sujeitado", que defende cada vez com mais força o "agente patogênico" – a sociedade totalitária; esse comportamento irracional é fruto de padrões irracionais de funcionamento e de (re)produtividade social que tem como pressuposto as leis do inconsciente.

Seguindo nesse sentido podemos dizer que, para Adorno, o inconsciente tornou-se útil à sociedade, a antiga fronteira entre consciente e inconsciente hoje em dia é ambígua, a racionalidade do modo de produção atual é irracional, o ajustamento à irracionalidade objetiva realiza-se à custa da mutilação psíquica do sujeito, que, inclusive, age a favor de sua própria mutilação. A integração do indivíduo à sociedade significa a dissolução autoritária do particular na totalidade.

A terapia psicanalítica que é voltada para os objetivos de ajustamento social do indivíduo, ao prometer ao seu paciente a "felicidade" e a adaptação ao mundo das coisas, só reafirma a infelicidade objetiva, enquanto que, na realidade, deveria procurar trazer as pessoas à consciência da infelicidade, tanto universal como individual, denunciando, assim, as "satisfações ilusórias" tão basilares no mecanismo de funcionamento do capitalismo avançado.

Para Adorno, Freud deixou de perceber a dialética própria do ego, que, ao mesmo tempo, tem de se haver tanto com as pulsões – desejos individuais – como também com as exigências sociais – da objetividade –, por meio de suas funções conscientes de adaptação à

cultura. Vale a pena lembrar que o ego deve atender a ambas as exigências, mas no sentido de fortalecer o princípio da realidade. Adorno afirma que Freud desconsidera essa dialética ao exaltar uma Psicologia do ego, que o considera como sistema "autônomo", definido em termos da "imanência psicológica", uma estrutura abstrata independente das determinações sociais, ou seja, ele é abstraído das condições objetivas, as quais também o originam. O ego tem a função de adaptação à realidade, mas deve-se ter uma visão crítica diante disso, pois ele também é formado por esta mesma sociedade, com a qual deve mediar as exigências pulsionais, ou seja, ele não é uma instância "autônoma" como Freud chegou a defender. Não que a saída seja, pura e simplesmente, uma Psicologia do inconsciente, pois assim se recairia numa outra abstração, o "psicologismo". A questão é considerar a dimensão dialética do ego, ou seja, deve-se entendê-lo em sua gênese pulsional, mas também em sua determinação material; ao compreender essa dimensão preserva-se a dialética do indivíduo e da sociedade.

Mantendo essa linha de reflexão e considerando os fatores sociais objetivos presentes na dialética do ego, percebe-se que, com a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo avançado, ocorreu o enfraquecimento do ego mediante forças coletivas opressoras da sociedade administrada; essa análise nos faz entender melhor como se deu a transformação histórico-social sofrida pelos indivíduos do século XIX. O ego se "*nutre*" e se fortalece na mediação conflituosa entre as demandas pulsionais e as exigências sociais, quanto melhores condições cognitivas – por exemplo, pensamento e consciência – ele tiver, melhores serão suas possibilidade na mediação desse conflito, e mais vivas serão as possibilidades de resistência dos indivíduos aos ditames da sociedade totalitária. Porém, ter condições cognitivas e consistentes para essa mediação dependerá de quais são as condições sociais e objetivas presentes, se são propiciadoras ou aniquiladoras da formação do indivíduo. Lembrando que o ego se forma primordialmente sob a determinação objetiva do modo de produção social, assim como também sob determinação subjetiva das forças pulsionais, Gomide (2007) destaca bem as consequências "funestas", apresentadas por Adorno, da cisão histórica do indivíduo com a sociedade: atualmente, o que se percebe é a presença de um ego fragilizado e regredido, que não consegue se diferençar devido às forças desproporcionais e esmagadoras da cultura de massa, situação que alimenta o sentimento de impotência do sujeito perante as exigências sociais. O ego, esmagado pelas pressões sociais totalizantes, acaba se retraindo ao id, propiciando comportamentos irracionais, "fundindo" as funções conscientes com as inconscientes, sob o primado de uma sociedade que se norteia por meio de uma racionalidade produtiva pautada nas leis irracionais do inconsciente.

Podemos afirmar que, sob a égide de uma cultura marcada pela padronização e pela pressão totalitária dos movimentos de massa, as agências de publicidade e seus mecanismos de controle mobilizam e se apropriam dos comportamentos regredidos e dos impulsos primitivos desses indivíduos fragilizados, convertendo os comportamentos narcisistas em modelos de comportamento, fechando dessa forma um "*círculo vicioso*" ao criar as formas de adaptação social mais condizentes à irracionalidade objetiva. Os mecanismos dessa "Psicologia autoritária" que visa atender às necessidades mais regredidas dos sujeitos, fortalecendo, assim, as formas narcísicas mais primitivas, mobilizam, reacionariamente, as massas para dar ensejo às causas políticas e propagandas totalitárias. Dessa forma, os vínculos que os indivíduos estabelecem com a sociedade são de teor irracional, já que as leis do consumo e as formas institucionalizadas de poder se apropriaram das leis do inconsciente.

Vale notar que é a cultura atual que sustenta os comportamentos narcisistas, que "esvazia as funções egoicas" e que contribui com a cisão do indivíduo e da sociedade, gerando o enfraquecimento e "*(de)formação*" do homem contemporâneo. Essa situação explicita a "obsolescência" de alguns conceitos freudianos diante das transformações históricas sofridas pela sociedade e por seus indivíduos. Ao apontar os limites da Psicanálise de Freud diante do sujeito contemporâneo com suas "aflições psíquicas" e sua problemática social, Adorno utiliza a teoria freudiana para poder pensar o nazifascismo e os elementos determinantes da fragilidade do indivíduo e da fragilidade do ego, para tentar compreender a obediência das pessoas à dominação. Com a "debilidade" das funções psíquicas, funções essas que deveriam ser exercidas pelo ego e que são encarregadas de estabelecer a mediação com a realidade externa, as pessoas recaem na heteronomia e tornam-se mais susceptíveis aos regimes políticos fascistas.

Outra importante crítica de Adorno à segunda tópica freudiana recai sobre sua noção de *superego*, mais especificamente, à "apologia" da consciência moral internalizada. O apontamento do frankfurtiano é que Freud, ao formular a segunda tópica, desconsiderou argumentos desenvolvidos por ele próprio nos primórdios da Psicanálise. Ou seja, Freud perde o teor crítico de sua teoria ao estabelecer a distinção entre "superego neurótico", que deve ser abolido pelo processo terapêutico, e o "superego saudável" que é "socialmente útil". A instância superegoica, entendida dessa forma isolada e abstraída das contradições sociais objetivas, é consonante e necessária ao ideal de homem defendido pela Psicanálise adaptativa. Mas, aqui, cabe uma ressalva, segundo Gomide (2007), Adorno afirma que a questão não é acabar com a "consciência moral internalizada", já que sua ausência levaria à barbárie, assim como aconteceu no fascismo, sistema político no qual a consciência moral dos indivíduos foi

aniquilada. Essa constatação levou Adorno, no seu texto *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, a confirmar a relevância do *ideal de ego* (termo freudiano usado antes do termo *superego*) como a instância psíquica referente à consciência autônoma que poderia dar condições à resistência do indivíduo em relação aos movimentos coletivos totalitários. Sendo assim, a questão colocada por Adorno é que a apologia da estrutura do superego propicia a adaptação, mas o fim da consciência moral internalizada levaria ao horror. Diante dessa contradição, deve-se contrapor a estrutura superegoica às condições objetivas, contra sua absolutização, para, assim, evidenciar os elementos irracionais e a violência social contida na cultura.

2.3 O anacronismo freudiano

Nesse momento do trabalho, iremos tratar de uma questão fundamental colocada por Adorno: a superação histórica da Psicanálise decorrente das transformações econômico-sociais ocorridas no século XX. Em consequência dessas mudanças, uma importante dimensão do objeto de estudo da Psicanálise, o indivíduo, passou a ter sua existência ameaçada pela própria coletividade, num processo de extinção da esfera particular em nome da massa, situação que acabou provocando o anacronismo e a obsolescência da teoria freudiana.

As modificações históricas sofridas pela individualidade são consequências diretas da transformação da estrutura social. Nesse processo histórico e social de transformações objetivas, o indivíduo ameaçado foi obrigado a desenvolver em si a racionalidade instrumental, tornando-se um mero apêndice da maquinaria, incorporando e defendendo a objetividade que o oprime. Com o enfraquecimento do ego, os impulsos psicológicos e as pulsões individuais, passaram a ser elementos totalmente integrados à sociedade. Essa regressão do ego ao id, fomentada pela força da opressão social, deve ser estudada para entendermos quais são os fatores ligados à “autossubmissão” dos sujeitos à cultura, que lhes retira a possibilidade de autonomia.

Adorno destaca que tendências fascistas, expressas por meio de propagandas publicitárias ou mesmo de políticas fascistas, se utilizam da regressão do indivíduo contemporâneo, apelando ao inconsciente e às “heranças arcaicas” do sujeito para aniquilar a

reflexão e a racionalidade individuais que poderiam dar consistência aos sujeitos, para que estes resistam à sociedade totalitária.

Adorno destaca que, devido às transformações da estrutura social, o ego, que, segundo Freud, é a instância mediadora do desejo e da realidade, passa a não ter condições de exercer essa função, visto que a formação social do capitalismo avançado não necessita, para a adaptação social, desse tipo de agente mediador na esfera particular, pois, atualmente, esse papel foi "transferido" da esfera individual para a esfera coletiva, ou seja, é realizado antecipadamente pela própria sociedade administrada. A mediação que deveria ser exercida por meio da reflexão e da razão pelo "órgão da consciência" – o ego – agora é realizada de antemão pela própria sociedade totalitária. Essa transformação histórica da sociedade mostra a superação do ideal de indivíduo liberal e a consequente "obsolescência" da Psicanálise freudiana.

Vale a pena insistir nesse ponto: na ordem social existente, as funções cognitivas do ego – por exemplo, pensamento e consciência – são reprimidas para que as pulsões individuais, atualmente dominadas e administradas pelo mercado, possam ser "mais ou menos liberadas" para o consumo de objetos previamente produzidos para "retroalimentar" esse processo. Dessa forma, os indivíduos acabam aderindo, do seu ponto de vista, de maneira aparentemente imediata, e não mais por meio da ponderação, aos elementos oferecidos pela realidade circundante, como, por exemplo, as tendências políticas nazifascistas e/ou aos ideais coletivos e padronizados suscitados pela indústria cultural. Assim, as tendências totalizantes geradas pelas formas objetivas de produção social estão expropriando a Psicologia, "os recursos afetivos e intelectivos subjetivos", do indivíduo que, dessa forma, está sendo usurpado de sua capacidade de julgamento por meio dos imperativos produzidos pelas agências sociais.

Gomide (2007) ressalta algumas observações feitas por Adorno e Horkheimer sobre a configuração do indivíduo no capitalismo liberal do século XIX: mesmo que o sujeito desse período tenha sido submetido a uma formação autoritária e coercitiva, fruto de relações sociais estabelecidas dentro de princípios familiares e religiosos, sua constituição psicológica, ainda que conflituosa, possibilitava uma relativa autonomia enquanto sujeito frente às condições sociais e econômicas de seu tempo, protegendo sua capacidade de resistir e conflitar contra a sociedade que tentasse aniquilar seus interesses individuais. Diferentemente da época contemporânea, que vive sob a égide de um capitalismo de oligopólios, a autonomia individual é extinta junto com o enfraquecimento psíquico dos indivíduos diante da irracionalidade objetiva, também resultante do modo de produção do capitalismo avançado.

Por outro lado, o indivíduo da Psicanálise “ilustrada” e “autêntica” representa, para Adorno, uma imagem “*negativa*” de homem, pois trata de um sujeito que não mais existe, e ao ter suas categorias contrastadas com a situação do indivíduo contemporâneo, os conceitos de Freud mostram sua historicidade imanente. Gomide (2007) lembra que o pai da Psicanálise formulou sua teoria no final do século XIX e início do século XX, ou seja, ele estudou o indivíduo fruto do liberalismo econômico, especificamente na transição do capitalismo liberal para o capitalismo de oligopólios, expressando, por meio de suas categorias, o início das modificações que seu objeto sofreu em decorrência das transformações sociais e econômicas em curso naquela época. Lembrando que Freud o fez sem considerar as explicações econômicas e sociológicas, não se preocupando diretamente com as modificações sociais que ocorriam.

2.4 A validade da concepção monadológica de narcisismo

Freud, ao insistir na defesa da existência atomística do indivíduo enquanto uma mônada psicológica, acabou atingindo, com suas categorias, a dimensão histórica da dominação sobre o homem; ele alcançou a expressão social presente de maneira constituinte na esfera individual. Podemos destacar dois exemplos desses condicionantes sociais da esfera particular constatados pelo pai da Psicanálise na formação do “caráter”: a proibição do incesto e a interiorização do superego. Porém, Adorno direcionou contundentes críticas a Freud por sua concepção monadológica de indivíduo, afirmando que, dessa forma, a Psicanálise estaria colaborando com uma teoria ideológica sobre o sujeito.

A contradição do pensamento de Adorno ao acusar de ideológica a mônada psíquica freudiana, ao mesmo tempo que a reivindica enquanto um elemento fundamental da análise e da reflexão sobre a sociedade de massas do capitalismo tardio, apenas refere-se à contradição presente no próprio conceito de mônada quando contraposto com os determinantes objetivos da dominação social sobre o indivíduo. Ou seja, a contradição no pensamento de Adorno não á apenas teórica; ela se refere ao próprio objeto, ele em si compreende tal contradição.

Nesse sentido, para refletir e entender os mecanismos subjetivos envolvidos nos fenômenos de massa da cultura capitalista contemporânea, Adorno convoca a categoria que teoriza a dinâmica psíquica dentro da Psicanálise freudiana: o conceito de narcisismo. Gomide

(2007) defende, e nós concordamos, que as críticas adornianas à mônada psíquica atingem fortemente o conceito psicanalítico de narcisismo formulado por Freud.

Segundo Freud, no texto *Sobre o narcisismo,* de 1914, essa é uma importante categoria para a compreensão da constituição individual, pois teoriza o movimento da pulsão que se retrai e se converte para o ego. Para o psicanalista, a libido se distingue em "libido do ego" e "libido objetal", e, de acordo com o movimento da pulsão que caracteriza essa diferenciação, o narcisismo se divide em: inicialmente, *narcisismo primário*, que se caracteriza pela "indiferenciação" do ego e do id; depois, *narcisismo secundário,* no qual a libido é retirada dos objetos e investida no ego.

No texto *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista,* de 1951, Adorno indica que Freud teorizou, por meio de vestígios já presentes na sua época, a tendência, que veio a se realizar plenamente no capitalismo tardio, de que o ego enfraquecido retrocederia ao id, regrediria ao narcisismo primário e arcaico. Essa tendência está presente hoje em dia e transforma os indivíduos hodiernos em indivíduos mais susceptíveis aos movimentos de massas totalizantes e fascistas. Para Adorno (1951), pensando nas políticas fascistas, a teoria do narcisismo foi a descoberta mais significativa de Freud. O processo de regressão a estágios narcísicos mais "arcaicos", caracterizados pelo narcisismo primário e mobilizados pelos movimentos sociais de controle da sociedade de massa, permite o ajustamento e o conformismo dos sujeitos à cultura totalitária.

2.5 A redução ao natural

Horkheimer e Adorno (1973), com o objetivo de desenvolver as dimensões sociológicas do conceito de indivíduo, por meio, por exemplo, da elucidação dos efeitos subjetivos das formas irracionais de socialização objetivamente constituídas e impostas pelo capitalismo avançado, voltam-se à Psicanálise, confrontando a monadologia freudiana com o sujeito contemporâneo e suas "aflições psicológicas", originadas na objetividade das relações sociais atuais, para extrair o materialismo imanente ao pensamento psicanalítico. Essa estratégia adorniana de criticar seu objeto para que dele surja sua verdade imanente, visa, no caso da Psicanálise, evidenciar o quanto o objeto estudado por Freud se modificou mediante as transformações das forças econômicas e sociais representadas pelo capitalismo avançado. E que, se ela – a Psicanálise – insistir em definir o indivíduo e seus processos mentais de forma

independente dessas determinações sociais, irá contribuir e alimentar ainda mais a ideologia, pois, ao tornar absoluto e naturalizar o indivíduo em sua forma burguesa, omite que sua configuração psíquica encontra-se intrinsecamente relacionada aos determinantes sociais e econômicos de uma época específica da história humana.

Aqui, vale a pena operar uma precisão conceitual: o objeto de estudo, por excelência, da Psicanálise freudiana é a distinção entre consciente e inconsciente, o conflito entre a consciência e o inconsciente, entre os comportamentos racionais e os irracionais. A questão é que Freud realizou todo o seu estudo sobre o inconsciente voltando-se quase que exclusivamente para a dimensão individual, fazendo a ciência do *um-a-um*. Por isso, não podemos confundir o conceito de Indivíduo com o de inconsciente. Apesar de o inconsciente fazer parte do indivíduo, a relação entre eles é conflituosa pelos mesmos motivos que a relação entre indivíduo e sociedade também o é. O inconsciente é o todo se manifestando no particular.

A obra de Freud, especialmente a segunda tópica – formulação teórica que estruturou o aparelho psíquico em id, ego e superego – foi criticada por Adorno pela redução ao natural de aspectos humanos que são históricos e sociais. A própria estruturação do aparelho psíquico em id, ego e superego implica a naturalização e a universalização de uma configuração individual que, na realidade, é histórica e social. Tal configuração refere-se diretamente a determinado tempo e espaço do processo histórico humano, objetividade que é algumas vezes omitida pela argumentação "*universalizante*" da Psicanálise freudiana.

Além disso, a crítica também se refere ao caráter adaptativo que o equilíbrio entre as três instâncias representa. A proposta de equilibrar as forças psíquicas visa uma adaptação ideológica, já que ela não é possível nos tempos atuais por não ter condições objetivas de acontecer.

Ao contrapor os conceitos psicanalíticos de Freud à sociedade, aos fenômenos sociais e econômicos, aos fenômenos com raízes objetivas, tais críticas adornianas permitem revelar os motivos subjetivos que levam os atuais homens a aderirem e a defenderem as forças sociais desumanas e irracionais que investem contra os seus interesses individuais. Dessa forma, as categorias centrais freudianas, ao invés de serem reduzidas a um "universal natural", como fez o psicanalista em sua teoria das pulsões, têm a condição e a possibilidade de expor e expressar, dentro de seus limites, a faceta subjetiva da irracionalidade objetiva presente na civilização atual.

Ao mesmo tempo, Adorno sustenta que a teoria psicanalítica, ao preservar e valorizar o indivíduo na constituição de seu saber, contrapõe-se à objetividade do aparato técnico que

visa extingui-lo, ou seja, ao defender a existência do sujeito enquanto um espaço psíquico "extrassocial", "diferençado" do todo, a Psicanálise mostra seu potencial crítico de resistência às tendências sociais totalizantes. E, nesse sentido, Gomide (2007) ressalta que os mesmos componentes da teoria psicanalítica que foram objetos da crítica de Adorno, também possuem, segundo o frankfurtiano, o potencial crítico necessário para a denúncia da situação de miséria e opressão que vive o indivíduo hodierno. Essa contradição teórica expressa a contradição presente no objeto, que é afirmado ideologicamente como sujeito sem ter efetivamente condições objetivas de ser.

Outra categoria naturalizada e universalizada pela teoria freudiana é o inconsciente, que, de acordo com a segunda tópica, se caracteriza, por exemplo, como o material sedimentado no id. Adorno aponta que a Psicanálise, ao afirmar que a história humana se reduz à linguagem do inconsciente, ignora as relações concretas que determinam a subjetividade. Por meio dessas afirmações ela perde a argumentação crítica que possuía nos seus primórdios, qual seja: de revelar os conteúdos inconscientes reprimidos, trazendo à consciência o resultado histórico da dominação social objetiva.

Nós não podemos perder de vista que o inconsciente é o grande mote dos estudos freudiano. Essa categoria concentra em si o núcleo crítico da Psicanálise freudiana, ao mesmo tempo que, tomada de maneira naturalizante e universalizante, se torna ideológica.

Freud inverte o sentido da análise: considera o mito do Édipo, a proibição do incesto e a "rebelião" à autoridade despótica do pai como "fatos históricos" que ocorreram universalmente com toda a humanidade e que cada indivíduo, por sua vez, deve repeti-lo e o experienciar psiquicamente em relação às figuras parentais, pois se trata de uma invariância estrutural que determina o destino de cada um. Em outras palavras, esses "fatos históricos" (exemplo: parricídio na horda primeva, encontrado no livro *Totem e tabu,* e os "mitos freudianos" que estão em *Moisés e o monoteísmo*) são interpretados por Freud a partir de fantasias do id, ou seja, de fantasias inconscientes individuais tomadas como verdades e fatos históricos universais. Dessa forma, Freud, ao "hipostasiar em determinação antropológica" a não-liberdade humana desconsidera aspectos sociais concretos que constituem a origem do material e do conteúdo sedimentado no id; ignora, por vezes, a dominação social, como a gênese objetiva do inconsciente.

Adorno destaca que o principal perigo de se reduzir a não-liberdade humana às leis abstratas do inconsciente e seu determinismo é a impossibilidade de modificação e de crítica à condição de miséria e infelicidade na qual o ser humano, de fato, está colocado atualmente, determinado por uma cultura baseada na dominação.

Gomide (2007) aponta que Adorno vai além; para ele, Freud, ao “dessubjetivar a subjetividade” abre mão do potencial crítico de sua teoria, que consiste na denúncia da cultura como repressora do potencial de liberdade presente na “natureza” das pulsões humanas. O ser humano caracteriza-se, dentro de seus limites, pela possibilidade de ser livre – considerando que toda ideia de liberdade é ideologia. Freud, ao reificar e naturalizar a não liberdade, separando-a de sua determinação objetiva, impede o homem de buscar a realização de sua potência.

A consequência de tornar o inconsciente uma categoria abstrata, isolada da realidade objetiva, como uma configuração universal, é a criação hipostasiada de um modelo de homem. Como colocado acima, Adorno criticou de forma contundente o ideal de homem construído pela Psicanálise de Freud e defendido por alguns grupos de psicanalistas pós-freudianos (por exemplo: o ideal de harmonização das três instâncias psíquicas – id, ego e superego). Nesse sentido, Adorno acusou Freud de ter se descuidado da “espontaneidade de seu objeto”, petrificando-o.

O frankfurtiano entende o conceito de inconsciente de maneira diferente da forma como Freud o entendia. Primeiramente, ele o desnaturaliza, ao afirmar que o inconsciente é o resultado histórico da dominação social objetiva e que seu conteúdo é formado por restos e vestígios expurgados da dominação da natureza, tanto humana como não-humana. Ele afirma que o descompasso entre o consciente e o inconsciente ocorre devido às contradições presentes na realidade social e aos vestígios decorrentes da dominação histórica sobre a subjetividade.

O conceito de inconsciente possui um status importante no pensamento de Adorno, e mais importante ainda em sua relação com o pensamento freudiano. Isso por que expressa os resultados da dominação social objetiva e auxilia nas reflexões sobre o indivíduo e a cultura de massa. Para o teórico crítico, seu conteúdo é formado por tudo aquilo que teve de ser reprimido ao longo do processo civilizatório, por remeter às lembranças ancestrais humanas que representam a natureza que deveria ser dominada. Os traços humanos que resistem ao poder social, assim como também alguns membros da humanidade (por exemplo: os judeus, as mulheres, as crianças e os “loucos”), cujas características remetem àquelas lembranças ancestrais associadas a algo de natural, devem ser dominados e negados em nome do progresso. Nesse processo de dominação da natureza o ser humano acaba por dominar a sua própria natureza, a dominação chega aos impulsos instintuais. O que remete cada vez mais à natureza humana é suspeito e, consequentemente, dominado. O que resta ou os vestígios desta dominação é a resistência “naturalmente” humana, que acaba por retornar como conteúdo

negado; esses materiais e conteúdos formados objetivamente como espólio do processo de dominação social, dominação do homem pelo próprio homem, resulta no inconsciente formado histórica e socialmente pela dominação social.

Jacoby (1977) afirma que a teoria de Freud tem condições de revelar um indivíduo entremeado por camadas sedimentadas de história, que correspondem a "lembranças" e restos de um conflito psíquico, carnal e erótico de homens contra homens e de homens contra a civilização. Os "fatores subindividuais e pré-individuais" que definem o indivíduo pertencem ao reino arcaico e biológico, mas não se trata de uma questão de natureza pura e sim de uma *segunda natureza*, entendida aqui como a história que se solidificou e transformou-se em "natureza". Atualmente, a ideia de indivíduo é segunda natureza e o que constitui a *segunda natureza* do indivíduo é história acumulada e sedimentada. *Segunda natureza* é a história sedimentada da dominação social que, por muito tempo, não pôde ser liberada, monotonamente oprimida, chegando ao ponto de congelar e petrificar. Ou seja, é algo que, mesmo sendo histórico e socialmente constituído, com o tempo e devido aos interesses sociais, é percebido como "natural", se transformando em "natureza". Esse material arcaico formado pela história da dominação não é simplesmente natureza ou história, mas história congelada que aflora sob a forma de "natureza", *segunda natureza*.

Toda universalização e naturalização do inconsciente freudiano, por mais abstrato que possa ter se tornado em relação à objetividade social, acabou por ser confirmado pelo mundo administrado, que, sob pressão das mercadorias de consumo padronizadas que geram a situação de massa, produz as "aflições psíquicas" do sujeito e os comportamentos irracionais que expressam a racionalidade econômica do capitalismo avançado. As irracionalidades individuais são determinadas pelo todo atual, que é irracional; nesse sentido, cada vez mais as leis do inconsciente são tomadas pelo poder social. Essas irracionalidades perderam seu caráter particular e expressam, mais do que nunca, a objetividade do sistema político-econômico totalitário contemporâneo, que tende a anular o indivíduo e as suas necessidades. O inconsciente e o que dele é irracional ganham atualmente status de normalidade e padrão socialmente reproduzido e valorizado.

Adorno entende a Psicanálise freudiana enquanto uma "ciência esclarecida", dentre outros fatores, devido ao fato dela ter a primazia da razão na descoberta de conteúdos inconscientes dos sujeitos e nos desmantelamentos de tabus sexuais, ou seja, a razão era colocada por ela acima de qualquer irracionalidade. O frankfurtiano valoriza, principalmente, os primórdios da teoria freudiana, quando ela buscava, incisivamente, converter o inconsciente em consciência, mostrando-se uma "ciência empírica do inconsciente". Nesse

sentido, defendemos, junto com Gomide (2007), que Adorno, atento aos “aspectos iluministas” e às implicações “cognitivas” da ciência psicanalítica, a utiliza, em suas análises sociais, para entender as dimensões subjetivas dos fenômenos da sociedade moderna que usurparam a Psicologia individual dos sujeitos, gerando regressões individuais, personalidades propensas a regimes totalitários e a fenômenos como o antissemitismo, isso é claro, dentro de uma perspectiva que enfatizava as condições históricas objetivas que formam a subjetividade.

De acordo com Adorno, no texto *Sociologia e psicologia* (1955), uma Psicologia Social analiticamente orientada, ao utilizar categorias da teoria psicanalítica, pretende refletir sobre a mediação social totalitária e injusta da Psicologia individual e, principalmente, procurar entender os motivos subjetivos que estão na base da adesão “cega” dos sujeitos a “ideais irracionais” suscitados por tendências políticas totalitárias. O teórico crítico afirma ainda que, para ocorrer a adaptação dos homens à sociedade massificada, é necessário que se mobilizem comportamentos irracionais nos indivíduos, que se convoquem forças emocionais mais “arcaicas” para que estes aceitem sua cooptação pela massa. Por isso, Adorno pensa uma intervenção combinada dos conhecimentos dos determinantes sociais com o conhecimento referente às estruturas psíquicas pulsionais para abordar a problemática da dominação social. Nesse sentido, ele afirma a importância de uma “psicologia da libido” para lidar com os fenômenos de massa contemporâneos e as regressões dos sujeitos. O valor crítico dessa Psicologia está na sua capacidade de evidenciar as regressões, produzindo, com isso, uma crítica à cultura. Nessa direção, é a teoria libidinal freudiana que produz o subsídio necessário às análises sociais atuais, para que essas possam esclarecer quais mecanismos psíquicos dos sujeitos, predispostos ao fascismo, são manipulados e mobilizados pelas propagandas fascistas, as quais, em termos das técnicas e recursos utilizados, se assemelham muito às propagandas publicitárias produzidas pela cultura de massa em nome do atual mundo dos negócios e do consumo.

Para a Teoria Crítica adorniana, as formulações de Freud sobre as pulsões e as próprias vicissitudes das pulsões trazem consigo embutida a mediação social sobre o indivíduo, já que a satisfação das pulsões tem por gênese a civilização, ou seja, tudo o que é desejado como objeto de prazer é produzido pela cultura. A pulsão é uma categoria que impede a separação entre natureza e cultura, na medida em que aponta para as determinações históricas e culturais da sexualidade humana. Dessa maneira, Adorno nega as análises que consideram a pulsão como tendo mera origem psicológica, em sua imanência psíquica, sem levar em conta as determinações sociais e históricas da constituição desse fenômeno.

A partir das discussões realizadas até aqui, pensando especificamente em nosso objeto de estudo – *o conceito de Indivíduo na obra de Adorno* – assim como em nosso objetivo – *analisar a relação desse conceito com a Psicanálise de Freud* – podemos perceber que Adorno, por meio dos estudos de teoria social, deparando-se com a esmagadora pressão social imposta pela cultura de massa aos indivíduos modernos, se vê "obrigado" por seu objeto de estudo a recorrer à Psicanálise enquanto conhecimento científico que contribuiu de forma substancial para o estudo da massa e de sua irracionalidade. Isso para elucidar por que o homem moderno se adapta passivamente a uma condição de irracionalidade destrutiva, aderindo a movimentos cuja oposição aos seus próprios interesses é evidente.

No capítulo *O indivíduo*, escrito por Adorno e Horkheimer no livro *Temas básicos da sociologia*, original de 1953, os autores incluem a noção de Indivíduo entre os temas fundamentais da teoria social que se queira crítica. Nesse capítulo, os frankfurtianos refletem as determinações sociais do processo histórico e cultural que formou a ideia de indivíduo, porém, sem recorrer diretamente à Psicanálise, o que nos faz afirmar que o conceito de Indivíduo adorniano *é sociológico*, e que, a princípio, não é tributário da teoria freudiana, a "ciência do particular". No entanto, as categorias psicanalíticas fizeram-se necessárias quando o indivíduo moderno começa a apresentar *comportamentos irracionais* frutos de uma formação social totalitária, cuja principal característica é ser uma cultura de massa. Ou seja, na contraposição do *conceito sociológico* de Indivíduo com a situação de dominação social do sujeito contemporâneo, os autores percebem que o entendimento do seu objeto de estudo, no caso a relação entre o indivíduo contemporâneo e a sociedade massificada contemporânea, "pede" o auxílio de uma teoria psicológica.

No capítulo *A massa*, também do livro *Temas básicos da sociologia* (1973), Adorno e Horkheimer utilizam, de forma explícita, a teoria psicanalítica para refletir seu objeto, mostrando, dessa forma, que foram as necessidades de compreender as tendências sociais de massa que determinaram a aproximação da Psicanálise junto à Teoria Crítica. A presença desse conceito dentre os temas fundamentais da Sociologia justifica-se, evidentemente, devido à preponderância da cultura de massa sobre os indivíduos da sociedade atual. Para os autores, os comportamentos específicos encontrados na massa são marcados pela *irracionalidade* e, segundo eles, o "círculo de problemas específicos" ou um dos principais objetos de estudo da Psicologia como ciência são os *comportamentos irracionais*. Ou seja, Adorno e Horkheimer recorrem à teoria psicológica – no caso, a Psicanálise – para tentar entender os comportamentos irracionais gerados pela tendência de uniformização e massificação imposta pelo modo de produção irracional e padronizado praticado no

capitalismo tardio. Dessa forma, a Psicanálise figura para os frankfurtianos como a “ciência do irracional”.

Portanto, a relação do conceito de indivíduo, na obra de Adorno, com o pensamento de Freud ocorreu devido à necessidade de explicação social que o teórico enfrentou diante da presença de comportamentos irracionais mobilizados pela cultura de massa contemporânea. Ou seja, diante de um modo de produção irracional que visa criar o padrão de relacionamentos grupais característicos das massas, por meio do imperativo de consumo de produtos e ideais padronizados, os homens tendem a regredir a estados anteriores do desenvolvimento semelhantes ao ser primitivo e à criança. Horkheimer e Adorno (1973) destacam como exemplos da irracionalidade das massas: desde o pânico numa sala de teatro até as “sublevações” de um povo inteiro, como no caso da Alemanha nazista. Chamar esses comportamentos de *irracionais* deve-se ao fato deles se colocarem violentamente em oposição à razão e à autopreservação.

O desdobramento dessa discussão para a presente pesquisa é que, para se estudar as determinações sociais da irracionalidade típica do homem moderno oprimido pela massa, Adorno busca categorias psicanalíticas, tais como a *teoria da libido* e a *teoria do narcisismo*, uma vez que Freud (1921), para explicar as regressões dos indivíduos coagidos pela situação de massa, procurou esclarecer remontando a “fonte libidinal” do fenômeno. Ou seja, no texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, de 1921, Freud mostra que os vínculos das pessoas nos grupos são de natureza libidinal, pois apenas forças psicológicas inconscientes, produzidas no interior do grupo, poderiam explicar a transformação dos indivíduos em massas.

Esta primeira parte da pesquisa teve um caráter introdutório; um dos seus objetivos era resgatar as origens histórico-sociais da relação entre Teoria Crítica e Psicanálise. Analisar o momento histórico em que ocorreu esta relação nos dá condição de perceber seus motivos objetivos. O momento histórico em que vivia a Europa no começo do séc. XX, revolução socialista de um lado e regime fascista de outro, compõe alguns dos elementos que determinaram a surgimento da experiência intelectual conhecida como Teoria Crítica da sociedade. E os movimentos de massa presentes nesse momento justificaram o interesse, por parte de alguns teóricos críticos, dentre eles Adorno, pela teoria freudiana. Esse esforço histórico vem para mostrar que *nada surge do nada*, tudo tem determinações sociais ligadas a determinado momento histórico, e conhecê-los é importante para uma reflexão pertinente sobre o objeto.

Esta primeira parte também tratou de *como* Adorno se apropriou dos conceitos psicanalíticos. Defendemos que a principal forma com que Adorno se apropriou da

Psicanálise foi criticando-a. Ou seja, confrontando os conceitos psicanalíticos freudianos à situação de dominação do indivíduo contemporâneo, o frankfurtiano destacou a dimensão de "verdade" e de "mentira" de conceitos da Psicanálise de Freud. Tais críticas nos proporcionam subsídios para discutir, no decorrer da pesquisa, *como* e *por que* Adorno recorreu à Psicanálise. Podemos perceber que conceitos psicanalíticos como o de *inconsciente*, *irracionalidade* e *massa* figuram destacada importância dentro da reflexão adorniana sobre o indivíduo.

SEGUNDA PARTE

Como foi indicado anteriormente, na Segunda Parte é abordado o objeto de estudo por excelência desta pesquisa: o conceito de Indivíduo na obra de Adorno. Esta parte foi realizada em duas etapas: na primeira, analisamos a forma com que Adorno, em parceria com Horkheimer (1973; 1985), refletiu o tema indivíduo, ou seja, analisamos como Adorno abordou a história do conceito de indivíduo; na segunda etapa, refletimos como Adorno entendia a relação entre indivíduo e sociedade. As duas etapas são intrinsecamente vinculadas, pois a forma como a relação entre indivíduo e sociedade se dá depende diretamente dos determinantes sociais e objetivos presentes no momento histórico no qual ela ocorreu. Ou seja, vale salientar que a noção de indivíduo é entendida por Adorno enquanto formada pela mediação social e histórica, e que surgiu devido às necessidades objetivas de reprodução da sociedade. Para compreender a função social que essa ideia, objetivamente constituída, exerceu ao longo do processo histórico da humanidade, Adorno, em parceria com Horkheimer (1973; 1985), reflete a história presente nela; analisam os fatores históricos e objetivos presentes na constituição da estrutura imanente desse conceito, o que dele se manteve ao logo do processo histórico e o que se apresentava enquanto ruptura. Vinculado a isso, eles analisam a relação entre indivíduo e sociedade, mantendo o conflito que permeia e marca tal relação.

3 A HISTÓRIA *NO* CONCEITO DE INDIVÍDUO

A partir da crítica à noção de Indivíduo que conhecemos hoje, crítica que aponta a violência contra ele direcionada ou nele suscitada, analisaremos a forma como Adorno refletiu as bases históricas de sua constituição imanente, ou seja, iremos refletir, por meio de texto do frankfurtiano, alguns períodos histórico-sociais que estão representados de alguma forma nesse conceito. Refletiremos a influência de tais períodos na formação social da ideia de *indivíduo* e em sua principal propriedade: a *individualidade*. Recorreremos a períodos tais como: a Grécia antiga, o Império Romano, Idade Média e, principalmente, o período no qual ele veio a ter expressão social, a Modernidade.

Nesse percurso histórico o conceito de indivíduo se mistura com a dialética do esclarecimento. Podemos dizer isso, pois há vestígios seus desde a mitologia grega, passando pela Filosofia clássica, religião, Filosofia moderna e ciência. O fato do conceito de indivíduo estar presente, de diversas maneiras, em todas essas formas de esclarecimentos, mostra o tanto que cada um desses tipos de conhecimento mantém em si algo do outro. E mostra também que o processo de esclarecimento do ser humano se relaciona com a ideia de indivíduo; isso ocorre na medida em que para conhecermos o mundo temos que nos distanciar dele, nos diferenciar, entender o que é do sujeito e o que é do objeto a ser conhecido. Claro que a história da ideia de indivíduo não se confunde com a história do esclarecimento, não é a mesma, mas elas se relacionam e se influenciaram mutuamente, além de serem determinadas por condições sócio-históricas específicas.

Nesse sentido, iniciaremos analisando o *Excurso I: Ulisses ou mito e esclarecimento*, que se encontra no livro *Dialética do esclarecimento* (1985), no qual Adorno e Horkheimer destacam, entre outras coisas, os vestígios históricos do conceito de indivíduo burguês presentes no mito grego.

Porém, antes de entrar especificamente na análise desse texto, faz-se necessário perceber como Adorno entendia o conceito de história. Em 1932, no texto *La Idea de Historia Natural*, que se encontra no livro *Actualidade de La Filosofia*, o autor coloca que o conceito de história não deve ser entendido separado do conceito de natureza, pois é preciso conservar a unidade concreta entre eles, sem perder de vista a diferença que os caracteriza, ou seja, não transformar os dois elementos numa coisa só, mas manter a contradição entre ambos. Para ele, história é entendida como a forma de conduta do ser humano, transmitida de um para o outro, e é nela que aparece o qualitativamente novo. No livro *Dialética negativa*, de 1966, ele

completa afirmando que a história é a unidade entre a descontinuidade e a continuidade. Em contradição dialética, a natureza é o que esta aí desde sempre, o que sustenta a história humana e aparece nela como algo dado de antemão, ou melhor, é o que há de substancial na história humana. Isso implica perceber no objeto sua estrutura interna e suas propriedades imanentes, que se constituem nesta relação dialética entre história e natureza. Ou seja, uma reflexão sobre essa relação deve captar a dialética do ser histórico como ser natural, em sua determinação histórica extrema. Ao mesmo tempo, deve perceber a natureza como ser histórico, no mais fundo dela. Esta relação deve ser percebida em sua transitoriedade, pois não é o caso de se buscar um ser puro, que está subentendido e oculto ao ser histórico, mas buscar perceber o ser histórico compreendido no ser natural (ADORNO, 1991).

Trazendo essa reflexão para nossa discussão, podemos pensar que há uma dimensão natural e outra histórica determinando, ao mesmo tempo, o conceito de indivíduo. Se perguntarmos para as pessoas, de maneira informal, se elas acham que sempre existiu a ideia de indivíduo como nós a conhecemos hoje, provavelmente elas dirão que sim, dirão que isso é "*natural*". Provavelmente elas nunca sequer pensaram nisso, pois o principal problema de tornar algo natural é a falsa sensação de imobilidade e estabilidade, que levam à também falsa ideia de que não é necessário refletir sobre isso. A ideia de indivíduo tornou-se *segunda natureza* em nossa sociedade, ela é uma ideia mediada socialmente e construída ao longo da história de nossa cultura, mas que ganhou *status* de natureza.

Adorno (1992) diz que é dever do pensamento fazer essa reflexão; a ele consiste a tarefa de ver como história tudo o que seja natureza, ou se apresente como tal, e como natureza tudo aquilo que seja história. Ainda segundo o autor:

> Comprender incluso el ser histórico em su extremo carácter de histórico, donde no puede serlo más, como un ser natural, o comprender la naturaleza, donde parece aferrarse más profundamente a sí misma, como um ser histórico. (ADORNO, 1992, p. 359)

De acordo com essas considerações, Horkheimer e Adorno, em 1944, refletiram a história do conceito de indivíduo e foram buscar no mito grego seus vestígios. Buscaram compreender seu caráter histórico, analisando a história em seus elementos aparentemente mais naturais. Eles sabiam que a ideia de indivíduo veio a se consolidar socialmente, como nós a conhecemos hoje, só depois da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, especificamente no século XIX, como dizem os historiadores. Mas, ao identificar tais vestígios, percebendo a história como um conjunto de rupturas e continuidades, encontraram

o protótipo do indivíduo burguês no mito grego. O que mostra o quão histórico e contínuo essa ideia é. Ter a possibilidade de refletir a constituição desse processo histórico e social torna mais claro o entendimento de seu processo de naturalização, o processo que transforma algo social em natural.

Horkheimer e Adorno pesquisaram no mito de *Odisseus*, personagem de Homero, as possibilidades históricas da ideia de indivíduo que acabaram se realizando posteriormente devido aos interesses objetivos e históricos da sociedade. Ao longo da história essa ideia foi se formando devido a condições histórico-sociais favoráveis a essa constituição. A ideia se formou devido às necessidades especificas de reprodução social. Vale destacar também que, por questões históricas, essas potencialidades poderiam não ter se concretizado, como inclusive aconteceu com outras potencialidades humanas que não vieram a cabo.

Odisseus era o herói da mitologia grega conhecido pela astúcia, inteligência e sabedoria. Esteve presente na famosa Guerra de Troia, relatada por Homero em seu poema épico Ilíada, e é lembrado pelo episódio no qual teve a ideia de construir um cavalo de madeira que levaria em seu interior vários guerreiros gregos. Já a *Odisseia* é outro poema épico escrito por Homero, que relata a viagem de Odisseus de volta para casa após o fim da Guerra de Troia.

Um dos primeiros apontamentos realizados por Horkheimer e Adorno (1985), no texto *Excurso I: Ulisses ou mito e esclarecimento*, é que o mito é originalmente de tradição oral e que o fato de Homero o ter "organizado" e escrito na forma de epopeia, já demonstra algo do entrelaçamento entre o mito e o trabalho racional. O trabalho racional já implica um distanciamento do indivíduo em relação ao objeto a ser refletido, isso em si não caracteriza o surgimento da ideia de indivíduo, mas é um dos elementos que deram condição para seu surgimento. Quando o mito ainda era transmitido de forma oral, gozava de alguma liberdade criativa e de flexibilidade, e quando Homero o escreve acaba por ordená-lo e, ao fazer isso, ele mostra o tanto de esclarecimento que há no mito. Outra questão importante é que, ao ordenar algo que era livre e flexível, Homero, enquanto um protótipo de indivíduo, "controla" o mito, que até então era um conhecimento mais do mundo ancestral do que do indivíduo vivo. O indivíduo começa a experimentar a ideia, mesmo que ilusória, de autonomia individual, de liberdade em relação à tradição. Tal fato representa a dialética do esclarecimento e a epopeia escrita por Homero revela-se, como disse Adorno e Horkheimer (1985), como uma obra da "razão ordenadora", que "[...] destrói o mito graças precisamente à ordem racional na qual ela o reflete" (p. 53).

A *Odisseia* reflete a dialética do esclarecimento e o surgimento da ideia de indivíduo; vale salientar que esclarecimento é pensado por Adorno e Horkheimer (1985) historicamente enquanto um pensar que faz progresso, “no sentido mais amplo do progresso do pensamento” (p. 19) e surge para livrar os homens do medo do desconhecido, além de tentar fazer deles senhores da natureza e de sua própria natureza, é essa outra questão que dá margem para o surgimento das condições necessárias para a consolidação do ideal de indivíduo autônomo.

Devido ao medo do desconhecido, o ser humano tenta dominar a natureza e, por meio deste processo dominador do esclarecimento, o homem se constitui, transformando o mundo ao seu redor como também sua própria natureza. Neste processo objetivamente orientado de diferenciação, ocorre o distanciamento do sujeito em relação ao objeto, necessário à sua própria constituição, mas ligado também à sua própria autodestruição, conjuntura que favorece a construção social de um ideal de indivíduo capaz de ser livre e independente. A questão é que essa ideia se perverteu em ideal de dominação. Nietzsche (*apud* HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 54) disse certa feita que “o apequenamento e a governabilidade dos homens são buscados como ‘progresso’” (p. 206). Segundo Horkheimer e Adorno, ele via no esclarecimento sua duplicidade, ele entendia tanto “o movimento universal do espírito soberano, quanto a potência hostil à vida, ‘niilista’”. Ainda segundo eles, este último aspecto “se conservou e se perverteu em ideologia” (p. 54).

O “distanciamento” e a diferenciação do sujeito e do objeto, causado pelo trabalho racional e pelo processo dominador do esclarecimento, oferece suporte aos argumentos de individuação disseminados pela ideologia liberal, na medida em que, ao separar de forma estanque essas duas categorias epistemológicas, se produz a ideia de autonomia individual. Porém, esse distanciamento, ao mesmo tempo que dá condições para a mediação reflexiva do objeto, quando levado ao extremo, produz o inverso: enfraquecimento da formação individual, a indiferenciação e a tendência de extinção do sujeito, visto que ele se constitui justamente nessa relação. Esse é o processo que transformou a ideia de liberdade individual em dominação e ideologia, na medida em que se afirma a existência dessa liberdade sem dar condição objetiva para os indivíduos serem e se formarem efetivamente livres. O indivíduo, para ser livre, necessita de uma formação que lhe dê condições de exercer a liberdade. Na nossa sociedade atual as pessoas nascem livres só no papel, elas não nascem sabendo o que é liberdade, elas precisam ser formadas para ser livres, ou seja, só uma sociedade com as relações de produção objetivamente livres tem condições de formar cidadãos capazes de exercerem a liberdade. E quando a cultura impede que o sujeito se relacione com o objeto,

impede que ele tenha experiência com o mundo e sua diversidade, impossibilita também que ele se forme efetivamente, que ele se diferencie, condição sem a qual não existe liberdade.

Outro traço encontrado no mito e que corresponde ao indivíduo burguês é o sacrifício. Odisseus cede a cada nova sedução para não ser exterminado, como escreveram Adorno e Horkheimer (1985): ele "experimenta-a como um aprendiz incorrigível" (p. 56). Neste processo de sacrificar-se para não ser aniquilado, Odisseus sempre logra a natureza e suas divindades "como o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro em troca de marfim" (p. 56). Este perder-se para conservar-se caracteriza a astúcia, que é marca tanto do comerciante burguês como do herói grego Odisseu. A astúcia e as maquinações do herói errante são tipicamente características valorizadas em um bom comerciante, o típico indivíduo burguês.

O processo de sacrifício do indivíduo em nome da coletividade, "*indiferenciação*" típica do processo de massificação atual, é oposto da formação do eu, na medida em que este, para se desenvolver, deve se diferenciar do todo, da coletividade. Mas vale destacar a dialética deste processo, pois, ao mesmo tempo que o sacrifício faz desaparecer a individualidade, ele a constitui e a mantém. Por isso que, ao se romper esta dialética entre indivíduo e sociedade, o indivíduo se congela e se petrifica, visto que é na mediação social que ele se constitui. Portanto, atualmente, o indivíduo se "forma" sob uma inverdade: a existência da autonomia individual, do ser em si.

Horkheimer e Adorno (1985) afirmam que a história da civilização "é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia" (p. 61). Já que, para eles, a renúncia é a interiorização do sacrifício.

O sacrifício transforma-se em subjetividade por meio da astúcia. No episódio das sereias, Odisseus arranjou um modo de, entregando-se, não ficar entregue a elas: amarrou-se ao mastro do navio e ordenou que seus escravos, com os ouvidos tapados, remassem sem parar. Dessa forma, ele pôde escutar o belo e hipnótico canto das sereias sem se jogar ao mar num mergulho suicida na direção delas, claro exemplo de um sacrifício astucioso de Odisseus, pois ele poderia desviar e evitar passar pelo território das sereias.

Outro ponto que se destaca na *Odisseia* de Homero é que todos os "Livros", partes da narrativa, trazem no seu conteúdo o valor de se hospedar alguém. A hospitalidade é destacada enquanto um importante costume grego antigo. Por exemplo, quando Odisseus chegava a terras estrangeiras, antes até de se identificar, era colocado para dentro da casa do rei local e desfrutava de um farto banquete, com muito vinho e um belo banho. E só depois aconteciam as apresentações propriamente ditas. Ter a garantia de hospitalidade, em qualquer lugar que

estejas, é de grande valia. A troca, que caracteriza tal costume, remete objetivamente a troca de mercadorias realizada pelo indivíduo burguês séculos depois. Horkheimer e Adorno (1985) afirmam que as trocas de presentes de hospitalidade já anunciam o princípio do equivalente: "[...] o hospedeiro recebe real ou simbolicamente o equivalente de sua prestação [...]" (p. 57). Os frankfurtianos mostram a dialética desse processo afirmando que a troca é a secularização do sacrifício, e que o sacrifício é o esquema mágico da troca racional.

Outra questão apontada por eles no mito grego é que antes não havia distinção entre palavra e objeto; a palavra era o objeto ao qual ela representava, e o objeto era a palavra que o representava, não havia distinção entre uma coisa e outra. Mas, por intermédio da astúcia, esta distinção foi explorada. Um exemplo disso é o que aconteceu com Odisseu na passagem em que ele logra Polifemo (temido monstro da mitologia grega) e seus escravos. Ele se apresentou com o nome de "*Oudeis*", que significa *ninguém*, em grego. Quando Polifemo teve seu olho furado por Odisseus, gritou por ajuda e, indagado por seus protetores sobre quem seria o autor de tal ato, responde: "*Oudeis!"*. Ou seja: *Ninguém!* Devido ao fato de seus possíveis salvadores não serem capazes de entender que uma mesma palavra pode ter dois significados, eles nem tentaram capturá-lo, pois *Ninguém* havia agredido Polifemo. Assim o agressor não pôde ser identificado e Odisseus se salva negando-se ao se autodenominar: "ninguém". O herói grego sacrifica-se, perdendo sua individualidade, desaparecendo, tal como acontece com o indivíduo moderno da cultura de massa, negando sua individualidade para se salvar. O indivíduo, num processo de massificação, se "*desindividualiza*" em nome da massa. Esta possibilidade de distinguir a palavra do objeto desemboca posteriormente no formalismo burguês.

Outro ponto a se destacar sobre Odisseus é o fato de que, na mitologia grega, o herói tem um Deus que o protege e o ajuda explicitamente em suas aventuras, e também outro representante divino do Olimpo que o persegue, o prejudica e tenta destruí-lo. No caso de Odisseus, especificamente na *Odisseia*, é uma Deusa que o protege: Palas Atena, filha de Zeus, Deusa guerreira da inteligência e da sabedoria, padroeira de Atenas, tida como espírito civilizatório. E esta característica chama atenção: padroeira de Atenas, o berço da democracia, da Filosofia e de toda a civilização ocidental. É o próprio espírito civilizatório que acompanha e norteia o indivíduo burguês, desde suas mais remotas origens, formando-o e dominando-o. Hoje em dia, ao menos no discurso, uma sociedade considerada civilizada é aquela que garante as liberdades individuais.

Por outro lado, o Deus que o persegue e tenta "distraí-lo" é Poseidon: irmão mais velho de Zeus, Deus das profundezas dos mares, considerado um Deus primitivo e ancestral

(cultuado por povos considerados pelos gregos como primitivos), disputou com Palas Atena quem seria o padroeiro de Atenas, mas perdeu.

Esta dialética entre o desconhecido, a natureza, o primitivo (representado pelo mar, reino de Poseidon) e o espírito civilizatório, a astúcia, a sabedoria (representados por Palas Atena) é a própria dialética do esclarecimento, é a dialética de constituição histórica do indivíduo burguês. Diante dos problemas enfrentados por Odisseus, a astúcia, a sabedoria e o espírito civilizatório se fazem necessários à autoconservação, como também acontece com os homens, que, diante do medo, lançam mão do esclarecimento na luta contra o desconhecido, tentando tornarem-se senhores de si e do mundo.

Finalmente, outro vestígio do homem moderno no mito grego é o fato de Odisseus ter como característica marcante a sagacidade, traço até mais evidente do que sua força física, característica tão valorizada na Grécia antiga. Apesar de ser um guerreiro forte, ele se sobressaia mesmo por meio da astúcia e do logro, como o comerciante burguês que se caracteriza pela prática da negociação astuciosa e o logro do comprador; seu principal objetivo é o lucro, não, necessariamente, o exercício, a atividade física ou um corpo forte.

Saindo da mitologia e indo para a Filosofia clássica grega, Horkheimer e Adorno, no livro *Temas básicos da sociologia* (1973), especificamente no capítulo *Indivíduo*, destacam que, sem fazer referência direta à pessoa humana, num sentido e significado puramente lógico, indivíduo é a tradução latina do *atomon* materialista de Demócrito, filósofo da Grécia antiga (século IV a.C.), criador e principal expoente da teoria atômica ou do atomismo, no qual *atomon* significa elemento *indivisível*. Ou seja, desde o seu surgimento, o conceito de indivíduo se propôs a designar algo indivisível, “concreto, fechado e autossuficiente” (p. 46), com propriedades especificas que só a ele se aplicam.

A discussão sobre a “aplicação social” do conceito de indivíduo ao homem concreto passa pelo conceito de pessoa, apesar de não se resumir exclusivamente a ele. Horkheimer e Adorno (1973) destacam que a palavra *pessoa* vem do termo romano *persona*, usado para designar a máscara do teatro clássico. Os frankfurtianos lembram que, na oratória de Cícero, importante político, orador e filósofo romano, a palavra *persona* foi sublimada para designar o papel representado por alguém na vida, ou seja, a máscara do personagem com que alguém se apresenta diante dos outros. Ainda no período romano, esse conceito passou a significar o cidadão nascido livre, a “pessoa jurídica” em oposição ao escravo. Porém, vale lembrar que, nesse período, o conceito ainda não tinha o sentido de individualidade substancial e de personalidade individual que conhecemos hoje.

Adorno e Horkheimer (1973) observam que a ênfase propriamente personalista, no sentido de uma individualidade absoluta dada ao conceito de pessoa, tem uma de suas origens nos dogmas cristãos, principalmente nos que se referem à imortalidade da alma individual. Os autores ressaltam que o dogma da pessoa constitui apenas um momento do desenvolvimento histórico do indivíduo, já que é só na Reforma Protestante que ele encontra os primeiros traços de expressão propriamente social. Porém, é importante salientar que não se trata de afirmar que o cristianismo tenha sido a causa decisiva dessa transformação ou a fonte única do desenvolvimento histórico-social do indivíduo, mas, ao menos, que a discussão "teórico-sociológica" do Indivíduo aconteceu no âmbito dessa doutrina.

Quando os Estados nacionais começam se afirmando contra o universalismo medieval, introduzindo o principio de individuação, a predicação *indivíduo*, que designa o singular e o particular, é utilizada por Duns Escoto, filósofo medieval da tradição Escolástica, para refletir a mediação da natureza humana geral com a pessoa individual. Essa reflexão preparou o terreno para o surgimento da concepção nominalista de indivíduo, que se tornou segunda natureza em todo o desenvolvimento social subsequente, ou seja, algo que antes possuía mero significado lógico; com o passar do tempo e devido às necessidades sociais e objetivas é "aplicado" a questões sociais e à definição do homem concreto particular.

Outra indicação histórica do indivíduo, antes mesmo dele ter condições mínimas de se realizar socialmente, encontra-se na poesia de Petrarca, filósofo e poeta italiano do século XIV, também conhecido como o pai da Filosofia Humanista, apontado por Horkheimer e Adorno (1973) como o primeiro a "abrir os olhos para a Individualidade". Esse poeta influenciou o Renascimento, período no qual o tema indivíduo começa a ser representado nas artes, na Filosofia e nas Ciências. O Renascimento foi o movimento cultural, artístico e filosófico que precedeu e ajudou a produzir as condições históricas e objetivas para que as revoluções burguesas do século XVIII ocorressem.

Seguindo nesse sentido, Horkheimer e Adorno (1973) chegam a Leibniz, filósofo alemão do final do século XVII e início do século XVIII, que, sem se utilizar de conceitos ontológicos, definiu o indivíduo mediante seu simples ser, ainda o refletindo por meio de uma acepção lógica. Ao fazer isso, criou a teoria das mônades, ou a monadologia, modelo teórico que se tornou conveniente à visão individualista de homem concreto na sociedade burguesa. Adorno chega a afirmar que esse modelo influenciou também o próprio pensamento freudiano, séculos depois, ao ponto de o frankfurtiano denominar a teoria freudiana de "monadologia freudiana". Isso porque, para Leibniz, mônade nada mais é do que uma substância simples, sem partes, o átomo da natureza que se modifica não por causas externas,

mas sim devido a um princípio interno, ou seja, assim como o indivíduo burguês afirmado pelo individualismo liberal, ela possui imanência psicológica, se forma a partir dela mesma, sem depender do todo para se constituir. Além desse princípio teórico de autonomia, também outros pressupostos da monadologia leibniziana se oferecem para a visão individualista de homem disseminada pela ideologia liberal da sociedade burguesa, como, por exemplo: cada mônade é diferente de todas as outras; uma mônade não tem poder de influência sobre a outra; e a essência de um ser coletivo é o modo de ser dos seres que o compõem. Diante disso, os frankfurtianos afirmam que, sob a influência do liberalismo, da teoria da livre concorrência, passou-se a ver o homem concreto como uma mônade, e a considerá-lo como algo absoluto, um ser em si.

E a partir disso, Adorno e Horkheimer (1973) afirmam que é só por volta do século XVIII que a palavra “indivíduo” passou a designar o homem singular. Não por coincidência, período no qual ocorreu a ascensão social, política e econômica da burguesia, iniciada pelas revoluções ocorridas na França e na Inglaterra. A tese liberal para o “individualismo” e a economia pautada na “livre concorrência”, implica que o indivíduo, ao lutar pela realização de seus interesses particulares, estará contribuindo com os interesses gerais. Ou seja, com a exaltação do princípio da concorrência, a “eliminação dos limites das ordens correlativas e o início da revolução técnica da indústria” (p. 55), a sociedade burguesa desenvolveu padrões sociais que impõe ao indivíduo econômico a busca implacável por seus interesses de lucro, sem levar em conta os interesses da coletividade. Os frankfurtianos destacam que esses ideais liberais foram favorecidos pela “ética protestante e o conceito burguês-capitalista de dever” (p. 55). A autonomia da decisão política dos indivíduos, que surge como resposta antifeudal ao universalismo medieval, transforma-se, no contexto do liberalismo econômico, em ideologia que exige a manutenção da ordem vigente e o intenso agravamento da capacidade de realização produtiva.

4 A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE

No livro *Temas básicos da sociologia*, de 1953, como o próprio título já diz, Horkheimer e Adorno selecionam os temas basilares a serem abordados pela ciência da sociedade que se queira crítica e ligada aos problemas de seu tempo, e incluem entre esses temas o Indivíduo, que interessa à Sociologia por sua relação direta com as leis do processo de socialização, que caracteriza sua ênfase como ciência. Nesse capítulo, eles destacam a necessidade de que as implicações sociológicas desse conceito sejam plenamente desenvolvidas, e, para isso, uma de suas estratégias é apontar as contradições objetivas de tal conceito, sem reduzi-lo à sociedade, mas dissolvendo-o nela sem perder de vista suas diferenças internas. Ou seja, eles tratam esse conceito por meio de sua relação com a sociedade, com o cuidado de não perder nem o indivíduo nem a sociedade nesse processo, mas vendo um passar no outro incessantemente, procurando apontar o que, no objeto, nega o próprio conceito.

Horkheimer e Adorno começam o texto colocando que a Sociologia, e a Filosofia durante logo tempo, tiveram a tendência de considerar o indivíduo como um "dado irredutível", absolutizado como categoria "extrassocial", que de uma acepção puramente lógica (como *atomon, individuum*) chegou a ser definido por Leibniz, segundo a teoria das mônades, mediante seu simples ser, como já foi dito acima. E, justamente a partir desse tipo de argumentação, sob a influência do liberalismo e da teoria da livre concorrência, surgiu o costume de considerar o indivíduo como algo absoluto, um ser em si, ideia cultivada até os dias de hoje pela sociedade de consumo individualista. Nesse contexto da vida social, esse costume ganhou ares de ideologia, criando-se a ilusão da plena realidade do conceito de indivíduo, sem considerar o que no interior do objeto nega tal conceito. De certa forma, pode-se perceber que nesse tipo de argumentação o conceito de indivíduo exclui para fora de si o conceito de sociedade, separando-se desta última, por meio de uma relação de oposição exterior. Compreende-se que neste tipo de argumento a identidade do conceito de indivíduo está sendo determinada puramente por intermédio de uma negação formal e abstrata, criando uma identidade simples em si mesma, com ilusão de imanência e negando uma solidariedade reflexiva com seu oposto, a sociedade.

Porém, a partir de um dado momento do texto, os autores começam a recuperar a dignidade negativa do conceito, destacando sua relação com a sociedade. E debitam à Sociologia e, antes desta, à Filosofia especulativa, a responsabilidade dessa virada, fazendo

questão de destacar que foram suas obras que abalaram a crença do indivíduo como um ser *em si*, mostrando que ele, na realidade, está mediado socialmente. Com o argumento de que a "vida humana é, essencialmente e não por mera causalidade, convivência"(p. 47), Horkheimer e Adorno começam a colocar em dúvida o caráter de unidade social fundamental deste conceito, ou seja, começam a dar "voz" ao que no objeto está negando a designação imediatista de individuo. Isso fica claro neste trecho:

> Se o homem, na própria base de sua existência, é para os outros, que são os seus semelhantes, e se unicamente por eles é o que é, então a sua definição última não é a de uma individualidade e unicidade primárias, mas, outrossim, a de uma participação e comunicação necessárias com os outros. Mesmo antes de ser indivíduo o homem é um dos semelhantes, relaciona-se com os outros antes de se referir explicitamente ao eu; é um momento das relações em que vive, antes de poder chegar, finalmente, à autodeterminação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 47)

Percebe-se que eles levam o entendimento do conceito de indivíduo ao limite de sua "*determinidade*", até ele se transformar no conceito de sociedade. Dessa forma, veem o conceito passar no seu oposto, ou seja, a "definição última" de indivíduo é a "participação e a comunicação necessária com os outros" (p. 47). Eles ressaltam, ainda, que quem quiser prescindir de todo caráter funcional do indivíduo em relação ao outro para se aventurar na procura de seu significado único e absoluto, não conseguiria chegar a um indivíduo puro, "em sua singularidade indefinível" (p. 48), mas chegaria apenas a um ponto de referência sumamente abstrato, que só adquiriria um significado no contexto social, sendo então apenas um "principio abstrato de unidade da sociedade" (p. 48).

No entanto, vale destacar, como também fizeram Horkheimer e Adorno (1973), que tomar o indivíduo mediante o primado da sociedade, ou seja, livrar o entendimento de uma visão de indivíduo *em-si*, jogando e polarizando a discussão apenas no âmbito da sociedade, não só mantém o problema como cria outro, o "sociologismo"; pois o conceito puro de sociedade é tão abstrato quanto o conceito puro de indivíduo. Neste tipo de abordagem encontram-se as mesmas críticas feitas anteriormente, ou seja, o objeto resiste e nega esta tentativa de nomeação fixa, faltando, novamente, a necessária solidariedade reflexiva entre os opostos. Porém, o sentido dessa argumentação tem consequências graves, pois subordinar inteiramente os interesses "egoístas" aos "sociais", ou ao "bem comum", é exatamente a palavra de ordem do fascismo, ou seja, reduzir o indivíduo a um mero exemplar do gênero e atribuir-lhe uma importância subalterna são argumentos tipicamente totalizantes e fascistas. Portanto, é necessário colocar o conceito, por meio de sua relação com o objeto, em

movimento, pois o próprio objeto da experiência está em contínuo movimento. Esta dialética é bem exemplificada neste trecho de Hegel, citado por Horkheimer e Adorno:

> A verdadeira autonomia [...] consiste, tão-somente, na unidade e compenetração da individualidade com a universalidade, pois o universal só adquire realidade concreta através do singular e, do mesmo modo, o sujeito singular e particular só encontra no universal a base indestrutível e o verdadeiro conteúdo de sua realidade. (HEGEL, s/d, p. 247 *apud* HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 51)

Nesse sentido, e mantendo a contradição entre indivíduo e sociedade, Crochik (1995), destaca que "da mesma forma que encontramos elementos da psique individual em fenômenos sociais, encontramos também as marcas das instituições sociais na constituição do indivíduo" (p. 15). Ou seja, vale a pena pensarmos essas duas dimensões de forma dialética, analisado-as dentro de um movimento histórico, pois ambas coexistem, se determinam mutuamente e o conflito entre elas constitui o ser humano. Horkheimer e Adorno (1973) escrevem: "A interação e a tensão do indivíduo e da sociedade resumem, em grande parte, a dinâmica de todo o complexo" (p. 53).

Os autores, num determinado momento do texto, refletem a manifestação de uma diferença interna do objeto, ou o "início" de uma contradição interna. Eles colocam em jogo a diferença entre indivíduo e indivíduo biológico, que tem um interessante caráter crítico. Eles começam dizendo que até poderia se argumentar que cada homem vem ao mundo como indivíduo, como um "ser biológico individual" (p. 51), e que, diante disso, a sua natureza social é secundária ou derivada. Porém, eles argumentam que esse conceito de individuação biológica é tão abstrato e indeterminado que não corresponderia ao que os indivíduos realmente são. A questão é que a própria existência natural do indivíduo já está mediada pelo gênero humano e pela sociedade, ou seja, o indivíduo é mais que a sua simples existência biológica individual, o indivíduo social superou e contém tal individuo biológico, formando uma unidade com ele. Os autores completam: "só é indivíduo aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz-se substância de si mesmo, estabelece como norma a autopreservação e desenvolvimento próprio" (p. 52).

Porém, os autores, continuando a seguir o objeto em seu movimento; afirmam que nem a autoconsciência da singularidade do eu basta para fazer um indivíduo, pois é necessária uma autoconsciência social, já que o conceito de autoconsciência supera o conceito de indivíduo abstrato e o leva à mediação social. Eles citam Hegel: "A autoconsciência é a

verdade da consciência do próprio eu, mas a sua satisfação só é alcançada numa outra autoconsciência" (p. 52).

Nesse processo de determinação e dissolução, desenrolado no decorrer do texto, os autores refletem a situação do indivíduo contemporâneo, que é um exemplo claro do que acontece com um conceito que tem sua existência afirmada ideologicamente sem que o objeto ao qual ele se refere tenha condições objetivas de existir; situação típica de um conceito que não sofre o devido trabalho do pensamento e da reflexão. Nesse caso, o objeto acaba sendo confundido com sua mera aparência. E é isso que está acontecendo atualmente com a ideia de indivíduo; a crença da independência radical do ser individual em relação ao todo nada mais é do que uma aparência, uma ilusão de independência. Só o trabalho da crítica ao objeto, propiciada por condições objetivas ligadas a uma sociedade crítica e autônoma, apontando o que está sendo negado, é que pode levar o conceito a realizar efetivamente o que nele está apenas em potência. A ideia de indivíduo como um "em si" se desenvolveu no modo de produção capitalista, portanto, deve-se ter um olhar crítico para o indivíduo que se constitui a partir de então, pois as condições objetivas presentes historicamente estão ligadas intrinsecamente ao conceito de indivíduo assim como também às condições para a constituição deste. Ou seja, Horkheimer e Adorno (1973) apontam a necessidade de se fazer uma "análise das relações sociais concretas e da configuração concreta que o indivíduo assume nessas relações" (p. 55). O principal motivo para se procurar compreender claramente a interação entre indivíduo e sociedade é perceber que o homem só atingirá sua existência própria, como indivíduo, numa sociedade justa e humana, numa sociedade completamente outra, diferente desta em que vivemos.

Horkheimer e Adorno (1973) terminam o texto insistindo na denúncia da inadequação do conceito em relação ao objeto, dizendo que a sociedade contemporânea, responsável pela incitação e pelo desenvolvimento do indivíduo, constitui-se atualmente, negando e explorando o próprio indivíduo, a "quem destronou" e direciona violência. No entanto, vale ressaltar que tal indivíduo desconhece essa situação que intimamente o determina.

Portanto, o que nos resta é olhar para dentro e para além da configuração alienada do indivíduo atual para, então, analisar a condição desumana na qual este sujeito está inserido, questão que sempre foi uma preocupação para Adorno. Resgatar a vida onde ela é possível, ou seja, na reflexão e no pensamento, já que são funções que podem auxiliar o sujeito a utilizar a razão historicamente constituída para resistir à barbárie, também é outro apontamento feito

pelo mesmo autor. E, é claro, essa resistência compreende também uma atenção crítica para as contradições dessa razão e para sua própria condição.

Nesta parte da pesquisa abordamos nosso objeto de estudo de maneira direta. Selecionamos textos específicos nos quais o conceito de indivíduo é refletido diretamente por Adorno. É claro que, por ser um conceito básico, ele pode ser encontrado disperso em toda a obra do frankfurtiano. A opção de refleti-lo historicamente nos dá a chance de *desconstruí-lo* e *desnaturalizá-lo*, nos dá a possibilidade de compreender as raízes objetivas de sua constituição, os motivos de sua existência e a quais interesses ele vem atender. Nesse processo de reflexão podemos identificar o que desse conceito é ideológico e o que tem potencial crítico. Compreender a história do objeto que estudamos nos permite entender seu real sentido social. Ligado à necessidade de reflexão histórica sobre o objeto estudado está a necessidade de refleti-lo sem perder de vista seu oposto, a sociedade. A ideia de indivíduo depende da sociedade na qual ela está inserida, o que se entende por indivíduo e individualidade hoje é diferente do que era entendido há séculos atrás. Perceber e refletir a sociedade e sua relação com o indivíduo torna-se crucial para não perder de vista o movimento do objeto, movimento que é histórico e social.

TERCEIRA PARTE

Esta é a terceira e última parte desta pesquisa e nela foi analisada, especificamente, a relação do conceito de Indivíduo na obra de Adorno com a Psicanálise de Freud por meio do estudo de determinados textos do frankfurtiano. A análise abordou duas questões: *porque* Adorno recorreu à Psicanálise freudiana, e *como* o frankfurtiano se utilizou das categorias psicanalíticas para refletir o conceito de Indivíduo. Esse momento acaba assumindo um papel conclusivo na pesquisa, na medida em que seu objetivo é exatamente o objetivo principal da pesquisa. Até aqui, delimitamos o objeto de estudo da presente pesquisa – o conceito de indivíduo na obra de Adorno –, tratamos de questões que envolvem esse objeto e o determinam; a partir de agora, vamos lidar diretamente com as questões que compõem o objetivo central da pesquisa. Para responder a tais questões levantadas acima, selecionamos textos de Adorno nos quais a relação entre o conceito de Individuo e a Psicanálise é evidente. Iniciamos com a análise do texto "*De la relacion entre sociologia e psicologia*" (2004), no qual procuramos desenvolver a discussão sobre a relação entre essas duas disciplinas tão caras à presente pesquisa, pensando como o estudo do conceito de indivíduo socialmente mediado depende do desenvolvimento de reflexões, que considera o conflito entre o todo e o particular. Outros dois textos também foram selecionados e analisados, são eles: *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951) e *A personalidade autoritária* (1950). No texto *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (1951) o objetivo era identificar como Adorno entendia a relação entre o indivíduo e a psicologia de massa e como o quadro de referencial teórico oferecido pela Psicanálise freudiana se insere nessa discussão. Já a análise da pesquisa sobre *A personalidade autoritária*, de 1950, procuramos responder *por que* e *como* Adorno se orientou por categorias da Psicanálise freudiana.

5 SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA

Toda nossa pesquisa trabalha no campo da relação entre Sociologia e Psicologia, e até por isso o presente capítulo cumpre uma função conclusiva, pois discute o texto de Adorno intitulado *Da relação entre a sociologia e psicologia*. Nosso objetivo aqui é, por meio de reflexões de Adorno sobre a relação entre Sociologia e Psicologia, perceber como o autor entendia o conceito de indivíduo em sua relação com a Psicanálise. Quando destacamos o conceito de Indivíduo na obra de Adorno, temos que deixar claro que estamos trabalhando com um conceito sociológico do campo da Teoria Social Crítica, apesar do nosso olhar estar voltado para sua relação com a Psicologia, especificamente com a Psicanálise. A Psicologia Social tratada nessa pesquisa é uma Psicologia Social advinda originalmente da Sociologia e não da Psicologia.

Para subsidiar essa discussão, é crucial entendermos qual e como é a relação entre Sociologia e Psicologia, em última instância: qual e como é a relação entre indivíduo e sociedade. É uma relação harmônica? Equilibrada? Ou é conflituosa e contraditória? E foi para fazer acréscimos às respostas de tais perguntas que Adorno recorreu à Psicanálise freudiana.

Adorno, ao refletir sobre o tema indivíduo e sociedade, percebeu que a Psicologia individual estava ligada intrinsecamente às relações sociais da cultura de massa contemporânea. Era, portanto, um sociólogo que pensava os efeitos psicológicos determinados pela configuração social atual. Como isso acontece? Como esse mecanismo ocorre? Essas foram perguntas que acompanharam suas pesquisas e reflexões e o levaram até a Psicanálise.

O texto *Da relação entre a sociologia e psicologia* foi publicado por Adorno em 1955, depois do livro a *Dialética do esclarecimento* e após, também, seu retorno à Alemanha depois de um longo período de exílio nos Estados Unidos. Se não for o principal, é um dos principais textos de Adorno sobre a relação entre Teoria Crítica e Psicanálise.

Uma das principais consequências de pensarmos a relação entre Teoria Social e Teoria do Indivíduo, entre uma teoria da sociedade e uma teoria do sujeito, entre Sociologia e Psicologia, é a construção de reflexões que compõe as bases conceituais de uma Psicologia Social. Sendo mais especifico: ao pensarmos a relação entre Teoria Crítica e a Psicanálise estamos trabalhando no campo da Psicologia Social que, no caso, é orientada psicanaliticamente. Nesse sentido, o objetivo desse capítulo passa pela meta principal do

presente estudo – pensar o conceito de indivíduo na Teoria Social Crítica de Adorno, especificamente em sua relação com a Psicanálise – e propõe reflexões sobre a importância dessa discussão para as bases conceituais da Psicologia Social adorniana, pensada a partir de sua própria obra.

O texto *Da relação entre a sociologia e psicologia* começa abordando uma das principais perguntas da presente pesquisa: por que Adorno recorreu à Psicanálise para refletir o conceito de indivíduo? No primeiro parágrafo o autor escreve que, já desde meados da década de 1920, as condições econômicas e políticas formaram entre as massas dos países altamente industrializados indivíduos propensos à "política da catástrofe", ou melhor, tipos de personalidade susceptíveis à política do sacrifício. Tal situação (de)forma tais sujeitos, que engrossam as fileiras de tais políticas, compondo um sistema "*retroalimentado*", isso ao invés desses indivíduos perseguirem os interesses racionais de conservação de sua própria vida. Tais indivíduos, dispostos a substituir o ideal de sua própria felicidade pela violência e ameaça, se sacrificam cotidianamente ao colocarem sua existência em perigo e ao se entregarem a latentes desejos de morte. Adorno (1955) destaca que a antiga explicação que utiliza o argumento de que meia dúzia de interessados controla todos os meios formadores de opinião tem seu lado de verdade, mas também seu lado de falsidade, ou seja, por si só essa explicação não dá conta de abordar o fenômeno. E aí que entra o conceito de Indivíduo e a Psicanálise, pois as massas não se deixariam levar por essas propagandas toscas, grosseiras e falsas se não houvesse algo nos próprios indivíduos que os ligassem a tais mensagens. Temos que entender por que os indivíduos se entregam "ativamente", numa determinada "adesão voluntária" a uma lógica que propõe sacrifício à vida marcada pelo perigo.

A estrutura objetiva de funcionamento da sociedade atual suscita essa "entrega" dos indivíduos, que são "*anzolados*" por meio de seus próprios mecanismos psicológicos. O indivíduo se entrega astutamente na intenção irracional de se salvar, assim como o herói grego Odisseus no episódio das sereias, que se submete a lógica do mito, navega na direção das sereias e, amarrado ao mastro do barco, escuta o sedutor canto sem se jogar num mergulho suicida na direção das ninfas marinhas. Ou seja, tal atitude dos indivíduos implica determinada astúcia, mas também sacrifício. Então, para entender como esses mecanismos psicológicos individuais são suscitados e administrados pela lógica objetiva de funcionamento da sociedade, faz-se necessário uma teoria do sujeito, uma teoria psicológica que acrescente à Teoria Social. Segundo Adorno (1955), tendo em vista o fenômeno de massa fascista, "se julgou necessário completar a Teoria da sociedade com a psicologia, sobretudo a psicologia social orientada psicanaliticamente" (p. 136).

Outra forma de responder à pergunta colocada acima é a afirmação de Adorno (1955) de que “a intervenção combinada do conhecimento dos determinantes sociais e do referente às estruturas pulsionais predominantes entre as massas promete uma plena compreensão da atitude da totalidade” (p. 136). Por mais que não se deva procurar uma harmonia simples entre os dois conhecimentos e sim estudá-los considerando suas contradições, Adorno recorre à Psicanálise para desenvolver seu estudo sobre o conceito de Indivíduo enquanto um dos temas básicos da Teoria Social, a fim de compreender sua dinâmica pulsional e a totalidade que envolve tal fenômeno. De certa forma, a ideia é acrescentar ao estudo da totalidade reflexões advindas do particular, completar o estudo do todo por meio da análise da dimensão individual. Isso sem perder de vista a determinação do todo sobre o particular.

Adorno (1955) faz uma colocação importante para os objetivos dessa pesquisa: para ele, a Psicanálise é a única ciência psicológica que investiga a sério as condições subjetivas da irracionalidade objetiva. Nesse momento, Adorno aponta a importância da análise social da subjetividade presente na irracionalidade objetiva do modo de produção atual da humanidade.

Uma relevante característica da forma como Adorno refletia a relação entre a Teoria Social e a Psicologia, especificamente a Psicanálise, é o fato de que essa relação não pode ser refletida exclusivamente enquanto uma mera indicação do lugar de cada uma dessas disciplinas (Sociologia e Psicologia) dentro do sistema das ciências. Dessa forma, não podemos considerar que todas as dificuldades que por ventura possam surgir dessa relação se refiram apenas a meras inadequações nos modelos conceituais aplicados. Percebemos que as contradições, inclusive conceituais, presentes na relação entre Sociologia e Psicologia se referem menos aos conceitos e mais ao próprio objeto, ou seja, o próprio objeto de estudo, a relação entre indivíduo e sociedade, é em si contraditória e conflitante. Portanto, buscar um quadro teórico que harmonize essa relação é falso; esse tipo de estratégia teórico-metodológica perde de vista seu próprio objeto e a contradição que o caracteriza.

Não se trata de fazer apologia à plena separação entre as ciências e tampouco do elogio à simples unificação das disciplinas, pois a separação entre sociedade e psique é falsa consciência, eterniza, em forma de categorias estanques, a cisão entre o sujeito vivente e a objetividade social, situação que domina os sujeitos e que eles mesmos produzem. Por outro lado, é importante notar também que essa falsa consciência, como o próprio termo diz, tem algo de falso sim, mas também tem algo de verdadeiro: atualmente, as condições objetivas de produção, a divisão social do trabalho, a impossibilidade do ser humano reconhecer a si

mesmo na sociedade, e ela nele, faz com que cada vez mais o indivíduo esteja em processo de separação, de “desgarramento” em relação à sociedade, assim como também a vida interior se afasta da exterior.

Essa separação dos indivíduos em relação ao mundo objetivo, onde se reproduzem suas vidas, impede que eles vejam as engrenagens desse sistema perverso que os determinam. Quanto mais separados eles estão das decisões sociais, menos eles se identificam com essa sociedade e mais eles se voltam para si mesmos. Esse esquema perverso coloca o indivíduo diante de sua própria imagem especular, a medida de tudo acaba sendo ele mesmo; ao invés do desenvolvimento de um *ser para si*, voltado para o desenvolvimento social e coletivo, forma-se um *ser em si*, monadológico e preso em sua própria psicologia, como se fora o essencial. Isso fortalece a falsa ideia que afirma a autonomia e a liberdade individual.

No começo do século XX, surge nos Estados Unidos a chamada Psicologia do Ego, uma releitura da Psicanálise freudiana que tem como principal objetivo terapêutico o fortalecimento do ego. Tal psicologia vem para corroborar tais afirmações de que a solução é um indivíduo cada vez mais individualista, que irá resolver seus problemas sozinho, mergulhando cada vez mais dentro de si mesmo. O irônico da situação é que justamente a ciência na qual os indivíduos esperavam encontrar-se a si mesmos como sujeitos lhes transformam, por sua própria configuração, uma vez mais em objetos.

Desse modo, percebemos que a sociedade produz indivíduos mônadas que representam o todo com suas contradições, sem que sejam conscientes da totalidade. Até pela forma como essas contradições se configuram na sociedade atual, não existe comunicação entre as mônadas e o todo. Nunca é demais lembrar que o psicologismo, em qualquer de suas formas, tornando o indivíduo a medida para todas as coisas, é sempre ideologia. O conceito de indivíduo, segundo esse paradigma “*psicologizante*” e individualista, deixa de realizar seu possível potencial crítico para se tornar um conceito ideológico que mantém a situação de dominação da sociedade existente.

Na discussão dos parágrafos anteriores se insere outra justificativa para se estudar a Psicanálise freudiana no contexto de uma teoria social: ela é uma teoria psicológica que reflete o indivíduo separado e isolado, analisa-o sem considerar diretamente seus determinantes sociais, se preocupa em estudar o indivíduo em si, sem considerar a sociedade. A princípio, isso é um equivoco teórico-metodológico, mas, ao mesmo tempo, acaba sendo um reflexo da sociedade que o produz. Sendo assim, a Psicanálise acaba sendo o reflexo da própria lógica de funcionamento objetivo da sociedade, que considera e afirma cada vez mais

o indivíduo enquanto uma dimensão autônoma. Por ser o reflexo do fenômeno, essa teoria tem muito a dizer sobre o próprio fenômeno e, por isso, vale a pena ser estudada. Como já foi dito anteriormente, a questão é que Freud, de tanto querer estudar o indivíduo cada vez mais fundo em sua particularidade, acaba construindo um importante conhecimento sobre a sociedade em que esse indivíduo vive.

Alguns psicólogos se equivocam quando se arriscam a explicar psicologicamente algo que não surge em absoluto da vida psíquica do ser humano individual. Erram em *psicologizar* algo que não tem origem psicológica. Essa atitude gera argumentos inócuos, sem substância e que ignoram a materialidade da vida objetiva. O movimento de "integração" entre as ciências não é só uma questão de desenvolvimento científico, mas sim e também uma mudança de paradigma, uma mudança de olhar sobre os conhecimentos já produzidos. A relação entre Sociologia e Psicologia expressa o irremediável e não necessariamente um momento de avanço; tudo isso depende de como essa relação irá acontecer. Essas duas ciências devem se relacionar guardando suas especificidades e também seus núcleos de generalidades. Uma possível psicologia social deve buscar as causas objetivas *da* e *na* mônada, no particular, a ponto de romper e fazer saltar o universal. Adorno (1955) diz que é só por meio da contradição que podemos alcançar a totalidade.

Afirmar que todo conteúdo psicológico quase sempre contém um elemento irracional e, por isso, antissistemático, não se refere necessariamente a uma causalidade psicológica em si, mas sim ao próprio objeto estudado. No caso da ciência de Freud, o êxito se deu devido ao fato de a persistência psicológica ter se unido ao caráter sistemático; tudo isso foi conduzido pelo desejo de conhecer o objeto de estudo.

Freud, em sua construção sistematizada do conhecimento, se deparou com a irracionalidade do sistema racional, que faz sua aparição na psicologia do sujeito sujeitado. Nesse sentido, vale a pena lembrar que o principal objeto de estudo da Psicanálise é o conflito entre consciente e inconsciente, entre o racional e a irracionalidade do indivíduo – algo que é tão particular e individual, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como eminentemente construído ao longo da história da sociedade: uma sedimentação particular de todo um processo histórico-social de dominação do homem pelo próprio homem. Adorno (1991) coloca que as leis sociais não podem ser pensadas a partir de elementos psicológicos, nem isoladas deles, assim como também o indivíduo não é simplesmente indiviso e substrato da uma psicologia, mas sim, e ao mesmo tempo, sedimentação social. "A divergência entre indivíduo e sociedade é essencialmente de origem social, se perpetua socialmente, e suas manifestações são explicadas de antemão em termos sociais" (p. 148).

A análise de Adorno sobre a dimensão individual passa pela questão que se coloca nos tempos atuais: os atos sociais em que se reproduz a vida dos seres humanos estão separados desses próprios seres humanos? Fortalecido pela ilusão de autonomia individual, o sujeito cada vez mais não se reconhece na sociedade em que vive, não a vê como sua, nem como sendo construída por ele próprio. Conhecer os efeitos dessa separação, ocorrida entre o indivíduo e a sociedade, acaba sendo um importante tema da Psicanálise. Entender o que é do particular e o que é do outro, até o limite de sua "*determinidade*", ou seja, até quando não dá para determinar o que é um e o que é o outro, é uma relevante característica da Psicanálise freudiana que Adorno se interessou em estudar.

Não é coincidência que a Psicanálise tenha surgido no âmbito da vida privada, dos conflitos familiares; ela surge justamente nos tempos da criação social da vida privada. O próprio jogo de forças propriamente psicológicas está restringido ao setor privado. A análise da teoria psicanalítica deve levar em conta o momento histórico em que ela foi pensada, só assim ela se torna uma teoria voltada à crítica social. Sendo assim, ela enquanto produção do conhecimento foi um importante reflexo dos tempos modernos.

A Psicanálise freudiana denuncia toda violência que a sociedade e a cultura impõem ao indivíduo, aponta a repressão e seus efeitos na constituição individual e social de determinado momento histórico e cultural (que mantém fragmentos até os dias atuais). Vale destacar que tal repressão, até determinado ponto, foi historicamente necessária para a formação da civilização, mas que, atualmente, transcendeu o limite do necessário para exercer uma função de extrema exploração de muitos homens em favor de poucos. Nesse ponto, a Teoria Crítica vai além e diz que a repressão tem hoje muito mais a função de manter e expandir uma situação de miséria do que de construir uma civilização.

A dinâmica psicológica é a reprodução de conflitos sociais *no* indivíduo, não é simplesmente uma cópia, mas adquire características ao logo da vida, se caracteriza, cria personalidade, se personifica. Vale relembrar junto com Adorno que uma estrutura social dada *seleciona* as tendências psicológicas específicas que melhor servem à sua reprodução, e não simplesmente as *expressa*. A configuração social *escolhe* e valoriza a estrutura de personalidade que melhor tende à sua reprodução.

Ao estudar a Psicanálise de Freud, Adorno se preocupou em não tornar a psique desligada da dialética social, equívoco que o próprio Freud cometeu ao tomá-la de maneira abstrata, em si mesma. O frankfurtiano também lutava contra uma concepção ligeira e rasteira de sociedade, que hipostasia e menospreza sua influência determinante na constituição das questões psicológicas e individuais.

Como já foi apontada nesta dissertação, a noção social de indivíduo visa, desde sua origem, colocar o foco das decisões na dimensão individual, visa fortalecer a ideia de autonomia do indivíduo consciente e racional. Freud, enquanto autor desse momento histórico-social, também propunha a centralização no indivíduo, mas vale destacar que isso ele fez até o limite dessa centralização, até o limite de sua "*determinidade*", ou seja, ele foi até a descentralização do sujeito consciente, até o inconsciente. Freud percebe que o indivíduo não é tão consciente assim; ele também é inconsciente. Então, para além da descoberta de dois estados psíquicos distintos, consciente e inconsciente (Primeira Tópica Freudiana), o psicanalista vienense elabora conceitualmente o modelo de estrutura psíquica do indivíduo (Segunda Tópica Freudiana), dividida em: *id, ego e superego*. Segundo ele, seguindo no sentido da política liberal da época, para fortalecer a autonomia e a liberdade do sujeito, era necessário que tal indivíduo apresentasse uma dinâmica equilibrada entre essas três instâncias psicológicas.

Vale destacar que o conceito de indivíduo não se confunde com o de ego (no texto Adorno chama *ego* de *eu*), apesar da ligeira semelhança entre ambos, principalmente se pensarmos que os dois conceitos se referem ao particular. Para Adorno (1991): "O eu é algo que surge como forma de organização de todas as excitações psíquicas, como o princípio de identidade que chega a constituir a identidade, também na psicologia" (p. 180). Para diferenciar os dois conceitos podemos dizer que o ego cumpre a função de mediar as excitações psíquicas e as exigências da sociedade; nesse processo, o ego dá forma à identidade que constitui o indivíduo e sua individualidade. Para Adorno (1955), o conceito de eu é dialético, psíquico e não psíquico ao mesmo tempo; o *eu* consegue ser um fragmento de libido e o representante do mundo. O eu, "examinador da realidade", é o responsável pela adaptação do sujeito às coisa do mundo objetivo. O termo adaptação usado aqui é pensado a partir da necessidade que o indivíduo tem de viver em sociedade, de se adaptar a ela, e considerar o outro em suas decisões e ações. A questão que se coloca hoje é que essa adaptação necessária passou a ser administrada a fim de manter a exploração do homem pelo próprio homem, passou a representar a regressão dos indivíduos. Essa "adaptação regressiva" nada mais é do que a cooptação dos indivíduos às normas sociais, de maneira unilateral e imediata, limitando assim o desenvolvimento de competências sociais e coletivas que, na realidade, ele teria pleno potencial para desenvolver. Regressão refere-se a algo que poderia ser desenvolvido, mas que não teve condições objetivas para tal.

Adorno (1955) faz uma reflexão importante sobre como ele entende um dos pilares da psicologia social: devido ao intenso processo de massificação que suscita nos indivíduos

comportamentos irracionais relevantes, que torna o ego cada vez mais inconsciente e ligado ao id, a psicologia social não seria em essencial uma psicologia do ego, mas sim uma psicologia da libido.

Já nas reflexões de Freud conseguimos perceber o desequilíbrio que há entre o *quantum* de energia libidinal do id e o do ego: a do id é muito maior que a do ego e, no caso de conflito, a supremacia do id se impõe. Pensando assim, a força da moral (Superego exteriorizado), agindo quase que diretamente (Ego enfraquecido) sobre as pulsões (Id), gera um tipo de dominação irracional, com sérias dificuldades de ser combatida com argumentos racionais. Porém, apesar do desafio, a aposta ainda deve ser a razão e a reflexão enquanto resistências possíveis.

Com o enfraquecimento do ego causado pela configuração social atual, o superego age de forma mais direta no id, ou seja, a energia libidinal do id acaba sendo administrada pelo superego com pouca possibilidade de mediação do ego. Sendo assim, a irracionalidade reina e o ego, sem condições de exercer suas funções de defesa, regride a padrões infantis de funcionamento.

A ameaça que se impõe sobre os indivíduos se expressa por meio da sanção social do comportamento econômico, ou seja, da ameaça desse indivíduo não poder participar da vida econômica, dele não poder consumir. A angústia de ser expulso da vida econômica – e como a atual sociedade é basicamente econômica, esse indivíduo é excluído da própria sociedade –, acaba sendo interiorizada junto com outros tabus e, consequentemente, sedimentada no indivíduo, transformando-se em segunda natureza. O superego entra nesse jogo como a instância moral que põe o indivíduo diante da proibição e une, de forma irracional, a antiga angústia de aniquilação física com a angústia contemporânea de exclusão econômica. Todo esse mecanismo de ameaça compõe um jogo psicológico que cria e mantém as condições subjetivas selecionadas pelas condições objetivas de reprodução da sociedade de massa. Está aí uma das justificativas de se estudar as questões psicológicas que compõem os fenômenos sociais atuais, de se completar a Teoria Social com a Psicologia, mesmo considerando que não é ela – a Picologia –, sozinha, suficiente para explicar a totalidade.

Um dos principais núcleos críticos da teoria freudiana são suas reflexões sobre o conflito entre as forças psíquicas, em geral, e, para o nosso interesse em particular, o conflito entre *ego* e *id.* A Psicanálise de Freud teve condições de, ao estudar o enfrentamento de forças psíquicas, poder, frente às excitações pulsionais subjetivas, mostrar seu caráter objetivo e histórico, em especial a determinação das leis do movimento econômico. Claro que essa

leitura não é possível de ser feita de forma direta e imediata, ela é sim uma análise que exige um olhar crítico sobre a teoria freudiana. E é justamente essa atitude que Adorno propõe frente à Psicanálise: fazê-la passar pelo crivo crítico da reflexão.

6 O INDIVÍDUO E A PSICOLOGIA DE MASSA FREUDIANA

O presente capítulo tem o objetivo de identificar como Adorno entendeu a relação entre o indivíduo e a psicologia de massa e como o quadro de referencial teórico oferecido pela Psicanálise freudiana se insere nessa discussão. Para alcançarmos tal meta, iremos analisar seu texto *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, de 1951.

As principais ideias desse texto que nos interessam para a discussão proposta nesse capítulo são aquelas que tratam da relação entre o indivíduo, a massa e a Psicanálise freudiana: como Adorno refletia a psicologia de massa freudiana, a discussão sobre o líder e o ideal de eu, processo de identificação, hierarquia em grupos irracionais e conceitos de *endogrupo* e *exogrupo* na dinâmica psicológica da massa.

Num momento específico do texto Adorno refletiu trabalhos de cientistas sociais interessados em pesquisar o fenômeno do fascismo nos Estados Unidos na década de 1940. Tais pesquisadores estudaram panfletos de agitadores fascistas americanos com o objetivo de conhecer a natureza e o conteúdo dos discursos contidos nesses materiais. A principal linha metodológica adotada por esses cientistas sociais foi a Análise de Conteúdo. Adorno destaca que os principais resultados alcançados nesses estudos apontam dois traços relevantes: a pouca preocupação desse material fascista com questões políticas "concretas e tangíveis" e o método sistematizado desses agitadores baseado na utilização de um padrão de dispositivos rigidamente definidos.

Esses dois apontamentos interessam à nossa pesquisa, já que se referem a duas características importantes do processo de *(des)individualização* ou *massificação*, processo pelo qual os indivíduos atuais passam e que os levam a apresentar comportamentos irracionais. O indivíduo, mobilizado psicologicamente por dispositivos previamente sistematizados, se entrega aos ditames da massa, abrindo mão de seus interesses particulares e da possibilidade de pensar o mundo por si só. E aqui podemos fazer uma reflexão sobre a propaganda comercial dos tempos atuais: ela também não tem uma preocupação política explícita, ao mesmo tampo que possui um método sistematizado de dispositivos que mobilizam insistentemente a psicologia dos indivíduos ao consumo excessivo, irrefletido e compulsivo. A massificação do consumo é o meio pelo qual os indivíduos atuais são intoxicados psicologicamente e agem a favor de sua própria opressão.

A pouca preocupação com questões políticas "concretas e tangíveis" destoa da excessiva engenhosidade dos cálculos psicológicos que baseiam tais materiais de cunho

fascista. Eles não pretendem conseguir seguidores por meio da “expressão racional de objetivos racionais”, mas sim procuram incitar uma multidão a ações sem qualquer objetivo político sensato. Todo esse processo de entrega do indivíduo à multidão é, entre outros fatores, favorecido pela atmosfera de agressividade emocional irracional metodicamente sistematizada. Vale lembrar que a pouca preocupação com questões políticas “concretas e tangíveis” não deixa de ser uma postura política.

Adorno (1951) destaca que o objetivo desses agitadores é instigar, por meio de uma racionalidade de natureza técnica, o que Gustave Le Bon chamou de “psicologia de massas”. Essa racionalidade, que se expressa por meio de um padrão bem definido de dispositivos, se repete, enquanto técnica, nos materiais de propaganda fascista, assim como também, por exemplo, na propaganda comercial dos tempos modernos. A racionalidade ou razão instrumental difere da razão propriamente dita por dispensar o conteúdo, por expressar o fetiche do método e ter natureza puramente técnica, diferentemente da razão que implica ética, que forma e exige dos indivíduos formação cultural integral.

É a partir desses dois traços instigadores de uma “psicologia de massa”, identificados pelos estudos sobre a natureza e o conteúdo do discurso fascista, que Adorno justifica a necessidade de se desenvolver um quadro de referência teórica baseado na Psicanálise para se abordar esse fenômeno. Ele sugere uma aplicação da teoria psicanalítica mais abrangente e básica, que compreenda a lógica objetiva que determina um sistema psicológico. Adorno indica que esse quadro de referência teórica baseado na Psicanálise pode ser também encontrado no livro de Freud: *Psicologia de massa e análise do ego* (1921).

Adorno destaca que a própria rigidez mecânica do padrão da propaganda fascista é expressão de determinados aspectos psicológicos da mentalidade fascista. Para ele, há no material de propaganda de tipo fascista uma unidade estrutural que se refere tanto à concepção política implícita como à sua essência psicológica. Utilizando-se de artifícios mobilizadores da psicologia individual, tais propagandas totalitárias incutem e transmitem concepções políticas implícitas, valores e atitudes. E como isso acontece? Numa situação como essa, em que o indivíduo é levado a se dissolver na multidão, ocorre a intensificação da submissão do sujeito à emoção, ao mesmo tempo que acontece uma acentuada redução de sua capacidade intelectual de refletir e pensar.

É importante perceber que toda essa discussão refere-se à relação entre indivíduo e massa, que discute o limite dinâmico que existe entre a formação do indivíduo no contato com os outros e a possibilidade de deformação causada por esse contato. Pensado nisso, destacamos a nota de rodapé presente na página 166 do texto *Teoria freudiana e o padrão da*

propaganda fascista, na qual o tradutor esclarece que o termo Ego, do título *Psicologia de massa e análise do go* de Freud, não se refere à instância (*agency*) psicológica específica que vive em contraste com o Id e com o Superego, tal como descrita pelo psicanalista em estudos posteriores, mas sim quer dizer simplesmente o *indivíduo*. Dessa forma, um aspecto do estudo de Freud sobre a psicologia de massa que chamou a atenção de Adorno foi a análise do indivíduo e seus comportamentos irracionais suscitados pelo processo de massificação. Freud não reconhece uma "mentalidade da multidão" independente, hipostasiada; ao invés disso, ele se volta para os indivíduos que formam a multidão e caem sob seu feitiço.

Adorno destaca que, apesar de Freud não ter se preocupado com as questões políticas ou com as mudanças sociais que determinavam seu objeto de estudo, ele conseguiu captar e perceber nos confins monadológicos do indivíduo os traços de sua crise profunda e sua tendência a se submeter inquestionavelmente a poderosas instâncias coletivas externas. Nunca é demais lembrar que o indivíduo tem formação tipicamente social e cultural e não meramente psicológica.

Freud conseguiu acessar as razões socioeconômicas que determinavam o indivíduo devido a uma característica metodológica de suas pesquisas: *ele se deixava levar por seu objeto de estudo*. E, nesse caso, quanto mais ele mergulhava nos recônditos individuais e em seus conteúdos inconscientes, mais ele entrava em contato com seus determinantes sociais e culturais. Isso evidencia o tanto que o particular é o espelho do universal, o tanto que a irracionalidade é social, o tanto que o indivíduo reflete, com uma complexidade única e singular, toda a sociedade.

Como o próprio Freud escreveu em seu texto *Psicologia das massas e a análise do Ego*, de 1921:

> O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instituais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse individuo com os outros. (p. 91)

Algumas questões podem ser refletidas a partir desse trecho. A psicologia individual e a psicologia social não são tão opostas assim, como à primeira vista pode parecer, pois, se analisarmos com cuidado, perceberemos que, apesar de a psicologia individual lidar com o

homem considerado individualmente e de procurar conhecer os caminhos pelos quais ele busca satisfazer seus impulsos instituais, ela não pode desprezar as relações do indivíduo com os outros, com o mundo humano que o cerca. Pois, se assim ela o fizer, corre-se o grave risco de cair num vazio de significado, de torna-se um conhecimento inócuo, puro psicologismo. O indivíduo forma-se com o outro, contra o outro e por meio do outro, e essa condição deve ser considerada em toda produção de conhecimento que se queira crítica.

No trecho acima, Freud afirma que "apenas raramente e sob certas condições excepcionais" a psicologia individual pode desconsiderar as questões sociais. Essa talvez seja uma relevante diferença entre Freud e Adorno no que se refere ao conceito de indivíduo. Freud afirma que existe determinada dimensão individual independente do outro, algo originalmente único e particular no indivíduo, ao menos raramente e sob condições especificas; já para Adorno, o indivíduo é sempre social, tudo nele é determinado por suas relações com o mundo que o cerca.

Freud corrobora as caracterizações sobre as massas descritas por Le Bon, principalmente, quando ele afirma que elas são altamente desindividualizadas, irracionais, facilmente influenciáveis, propensas à ação violenta e, de modo geral, de uma natureza regressiva. E o que o distingue de Le Bon é ausência do desprezo em conhecer e decifrar as massas, segundo Adorno (1951):

> Em vez de inferir das descobertas descritivas habituais que as massas são inferiores per se e assim tendem a permanecer, ele (Freud) se pergunta, no espírito do verdadeiro iluminismo: o que transforma a massa em massa? (p. 168).

Adorno entende que Freud, ao tentar explicar o que transforma a massa em massa, não se utiliza da hipótese mais fácil: a da existência de um instinto social ou de rebanho. Ele não usa argumentos biológicos ou etológicos para estudar a massa. Colocar as causas da transformação dos indivíduos em massa na herança instintual do homem desvia o conhecimento da principal pergunta sobre esse tema que ele deve responder: por que os indivíduos modernos regridem a padrões de comportamento que contradiz o seu próprio nível racional e a atual fase da civilização tecnológica esclarecida? Freud não foge dessa pergunta, ele busca incansavelmente descobrir quais forças psicológicas levam os indivíduos a se transformarem em massa.

O que une, então, os indivíduos de um grupo? De acordo com a teoria psicanalítica freudiana, é um vínculo de natureza *libidinal*. Esse vínculo é precisamente o que é

característico em um grupo. Segundo Adorno (1951), Freud, em acordo a teoria psicanalítica geral, explica “a coerência das massas inteiramente nos termos do princípio do prazer, quer dizer, das gratificações reais ou vicárias que os indivíduos obtêm pela rendição a uma massa” (p. 169).

É a história da dominação do homem pelo próprio homem, expressa individualmente por meio de conteúdos irracionais, que irá propiciar os vínculos grupais. A principal consequência dessa afirmação é que o fenômeno das massas passa a ser entendido muito mais enquanto um efeito do que enquanto uma causa. É um fenômeno que surge de determinada configuração específica da sociedade. Fenômeno que gera e é gerado por vínculos de natureza arcaica e irracional. Assim, o argumento de que a massa se forma por causa de instintos de rebanho cai por terra e ocorre uma inversão: é simplista afirmar que são eles – os instintos – que causam o fenômeno de massa, mas, sim, vale a pena destacar que os instintos são seus efeitos. Segundo Adorno (1951):

> A consequência mais importante da introdução que Freud fez da libido na psicologia de grupo é que os traços geralmente atribuídos às massas perdem o caráter ilusoriamente primordial e irredutível refletido pela construção arbitraria de instintos específicos de massa ou de rebanho. Esses últimos são antes efeitos que causas. (p. 169)

As manifestações consideradas peculiares, inesperadas, surpreendentes ou até aparentemente novas e desconhecidas dos indivíduos quando em situação de massa, a partir do ponto de vista colocado no parágrafo anterior, podem ser entendidas como manifestações antigas, normalmente escondidas, de natureza inconsciente, e que em condição de massa se expressam. Freud (1921) escreve: “Em grupo o indivíduo é posto sob condições que lhe permitem se livrar das repressões de seus instintos inconscientes” (p. 9-10).

É equivocado afirmar que o indivíduo imerso nas massas é um homem primitivo, apesar de, nessa condição, ele exibir atitudes primitivas incompatíveis e contraditórias com seu comportamento racional normal. Existe sim uma afinidade das massas com os traços arcaicos, mas não que isso signifique que unir-se às massas seja algo puramente instintivo; é que nessas determinadas situações conteúdos reprimidos podem ser liberados. Ou seja, não que esses indivíduos sejam primitivos, talvez eles *estejam* primitivos. Essa afirmação coloca uma questão preocupante: qualquer pessoa pode ser susceptível à massificação, até o indivíduo considerado “civilizado”.

E, assim, Adorno chega a uma conclusão importante: a forma hábil como essa propaganda é estruturada e organizada desperta “uma porção da herança arcaica” do sujeito, e

é essa natureza psicológica e irracional do fenômeno que torna possíveis as finalidades autoritárias, agressivas e irracionais da propaganda.

Utilizando-se explicitamente da psicologia de massa de Freud, Adorno coloca que todo o esquema da propaganda fascista está centrado na ideia do líder, ou mais especificamente, na imagem psicológica do líder. Freud desenvolve a questão afirmando que o líder é a figura capaz de atualizar e reanimar a ideia do pai primitivo todo poderoso e ameaçador. Nesse caso, não é relevante se o líder lidera de fato ou se é apenas o depositário dos interesses do grupo, mas sim que ele ocupe o lugar imaginário do pai onipotente e impassível de controle.

A pessoa que ocupa a posição psicológica de líder, menos por causa de suas características pessoais e mais por causa do lugar imaginário que ocupa, está apta a desempenhar a função de "eu do grupo" ou ideal do eu, ou seja, com a presença dessa figura imaginária, os indivíduos do grupo podem se render à vontade do líder; eles abrem mão do desenvolvimento de uma consciência autônoma e independente e substituem-na por uma identificação imaginária com a autoridade coletiva, ocorrendo, assim, a chamada *externalização do supereu*.

A identificação dos seguidores com a autoridade coletiva, com o ideal do eu ou "eu do grupo", é irracional, heterônoma, rigidamente opressiva, largamente estranha ao pensamento próprio desses indivíduos e facilmente substituível, apesar de sua rígida estrutura. Nesse sentido, Adorno (1951) destaca que "O mecanismo que transforma a libido na ligação entre líder e seguidores, e entre os próprios seguidores, é o da *identificação*" (p. 173).

A identificação é um dos principais mecanismos de formação do ego com possibilidades de ser autônomo e independente. Isso pode ser possível, por exemplo, quando a criança se identifica com seu pai e debita nele a função de ideal do eu. O fato de ele – o pai – ser uma pessoa real, de carne e osso, passível de ser questionado e de estar sujeito aos limites da realidade, dá a possibilidade de a criança perceber a diferença empírica entre o ideal de eu e a realidade. Essa possibilidade de perceber o que é do ego e o que é do mundo, o que é identificação e o que é real, proporciona as condições mínimas necessárias para o desenvolvimento de um eu autônomo e independente, capaz de mediar a relação entre os interesses individuais e os da sociedade. Quando a identificação ocorre com uma imagem psicológica, que muitas vezes está distante virtualmente, torna-se difícil a "*dialetização*" do indivíduo com seu ideal de eu. Nesse caso, ocorre a "*indiferenciação*" entre o ego e o mundo, toda a função de pensar acaba sendo exteriorizada e passa a ser responsabilidade das

instituições sociais. Citando Freud (1922), a identificação é a “expressão mais primitiva de uma ligação emocional com outra pessoa” (p. 60).

A identificação que liga o indivíduo à imagem psicológica do líder liga também os indivíduos entre si. Adorno diz que a *comunidade do povo* fascista corresponde exatamente à definição de Freud (1922) para grupo: “São vários indivíduos que substituíram seu ideal de eu pelo mesmo objeto e consequentemente se identificaram uns com os outros em seus eus” (p. 80).

Vale destacar que a dinâmica psicológica da relação do seguidor com seu líder compreende alguma satisfação narcísica. O aspecto primitivamente narcisista da identificação implica o ato de *devorar*, de tornar o objeto amado parte de si mesmo, no qual a libido narcisista transborda até o objeto, num momento de “*indiferenciação*” entre o ego e a realidade. Isso não significa uma experiência genuína com o objeto, o que até seria favorável à formação do indivíduo, mas o que ocorre é uma simples ampliação da própria personalidade do sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo. Freud (1921) chegou a dizer que, nesse caso, o objeto pode servir como um substituto para algum ideal de eu que não conseguimos atingir; é uma forma indireta de tentar alcançar um ideal para nosso próprio eu, um meio de satisfazer nosso narcisismo.

Essa idealização do eu, que o líder fascista, ou líder da massa, tenta promover em seus seguidores, é entendida como uma transferência parcial da libido narcísica para o objeto. Essa ampliação da personalidade do sujeito esconde alguns detalhes: ao tornar o líder seu ideal, o sujeito ama a si mesmo, ao mesmo tempo em que se livra da frustração e do descontentamento que sente em relação à imagem que tem de seu próprio eu empírico. A problemática se instala quando o indivíduo desiste de seu ideal de eu e o substitui pelo ideal do grupo tal como encarnado pelo líder, o que dificulta o processo de diferenciação entre ideal de eu e eu empírico, entre o que é da massa e o que é do indivíduo. A apropriação dessa diferença é extremamente cara à formação de indivíduos autônomos e críticos.

Adorno coloca que Freud, ao analisar a psicologia de massa e o indivíduo, especificamente quando constrói o conhecimento psicológico sobre a imagem do líder, antecipa, em teoria, o tipo fascista de liderança. Ele antecipa, teoricamente, o poder psicológico que uma celebridade televisiva ou musical tem, nos tempos de hoje, sob seus “seguidores” – inclusive “seguidores” é o termo utilizado para denominar os fãs que “seguem” virtualmente seu ídolo pelo twitter (a mais nova ferramenta de comunicação da internet).

Segundo Adorno (1951):

> Por causa daquelas partes da libido narcisista do seguidor que não foram investidas na imagem do líder, mas permanecem ligadas ao próprio eu do seguidor, o super-homem deve ainda se assemelhar ao seguidor e aparecer como sua ampliação. (p. 177)

Assim, Adorno (1951) aponta a ambivalência que há na dinâmica psicológica do seguidor de um líder. Um dos dispositivos básicos da propaganda fascista personalizada explora justamente tal ambivalência; nesse sentido, a imagem do líder deve contemplar o conceito de "grande homem comum" (great little man): figura de alguém que sugere tanto onipotência ("super-homem") como a ideia de que é apenas um de nós. Dessa forma, a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor: se submeter à autoridade e de ser ele próprio a autoridade.

Outro elemento importante nessa discussão é a hierarquia em grupos irracionais. Por meio de diferenciações hierárquicas, afinadas ao desejo de caráter sadomasoquista, se racionaliza a lógica da submissão ao hierarquicamente acima e da perseguição do hierarquicamente a baixo. A tendência em "*pisar nos de baixo"* se manifesta socialmente na perseguição a minorias fracas e desamparadas, assim como o ódio contra os indivíduos considerados de outro grupo. Sobre isso Adorno (1951) destaca:

> Quanto menos a hierarquia é justificada no interior da organização de uma sociedade industrializada altamente racionalizada e qualificada, mais as hierarquias individuais sem uma raison d`être objetiva são construídas e rigidamente impostas por fascistas, por razões puramente psicotécnicas. (p. 178)

Um importante dispositivo presente no discurso fascista é a discriminação pautada pela raça. Freud identifica no critério pseudonatural de raça sua função libidinal. Para o psicanalista, tal critério age como uma força negativamente integradora, já que a libido positiva está completamente investida na imagem do pai primitivo, o líder. Nesse sentido, é necessário uma contraidentificação, um investimento negativo da libido com o *exogrupo*, isso pode torna-se um elemento unificador e proporcionar o mesmo tipo de vínculo emocional que os afetos positivos gerados num processo de identificação ocorrido com o *endogrupo*. Vale destacar que essa integração negativa alimenta o instinto de destrutividade e violência visto em indivíduos propensos ao preconceito.

A propaganda fascista alimenta o narcisismo do indivíduo na medida em que sugere, de maneira maliciosa, sua superioridade frente aos indivíduos excluídos (*exogrupo*) por seu

simples pertencimento ao *endogrupo*. Adorno destaca que os agitadores utilizavam-se do estandardizado "truque da unidade", no qual as diferenças em relação aos que não pertencem ao grupo (*exogrupo*) são enfatizadas, ao mesmo tempo em que, no interior do próprio grupo, (*endogrupo*) as diferenças são minimizadas. Adorno (1951), utilizando-se de termos freudianos, afirma que esse fenômeno se caracteriza pela transformação dos indivíduos em membros de uma "horda fraterna" psicológica. Para Adorno, esses conceitos de *endogrupo* e *exogrupo* são conceitos psicosociais.

Adorno traça uma correspondência entre os estímulos da propaganda fascista e os mecanismos discutidos na *psicologia de grupo* de Freud, e chega a uma pergunta inevitável: "como aqueles agitadores fascistas rudes e semieducados obtiveram conhecimentos sobre esses mecanismos?". O próprio frankfurtiano responde afirmando que tais agitadores voltavam "seu próprio inconsciente para fora" (p. 184). Essa faculdade do agitador fascista, proporcionada por sua "síndrome de caráter" (devidamente estudada na pesquisa sobre *A personalidade autoritária*), mais a experiência que o ensinou conscientemente a explorar tal faculdade, levou-o a utilizar racionalmente sua própria irracionalidade, ou seja, a explorar sua própria psicologia para agir na psicologia de seus seguidores.

> Sem sabê-lo, ele é, assim, capaz de falar e agir em acordo com a teoria psicológica pela simples razão de que a teoria psicológica é verdadeira. Tudo o que ele tem a fazer para que a psicologia de sua plateia funcione é explorar maliciosamente sua própria psicologia. (ADORNO, 1951, p. 184)

A propaganda é orientada psicologicamente e com o objetivo de mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos. Argumentos racionais não seriam efetivos, já que o que se incita são processos mentais irracionais. Toda essa administração planejada do inconsciente é facilitada pela situação, gerada objetivamente, de humilhação e frustração em que uma boa parcela da sociedade é obrigada a viver, situação que pode torná-las, por isso, susceptíveis à mentalidade irracional.

O caráter autoritário é produto de uma internalização dos aspectos irracionais da sociedade moderna. Segundo Adorno (1951): "Disposições psicológicas não causam, na verdade, o fascismo; antes, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada com sucesso pelas forças que o promovem por razões completamente não-psicológicas de interesse próprio". Apesar de olhar com bons olhos para alguns argumentos potencialmente críticos da Psicanálise freudiana, Adorno procura deixar claro que somente uma teoria social

que transcenda os limites da psicologia, é capaz de responder às indagações colocadas neste texto.

Adorno afirma que o conteúdo da teoria de Freud sobre a *psicologia de massas* é a substituição irracional do narcisismo individual pela identificação com a imagem dos lideres.

Na concepção de Freud, a psicologia é essencialmente negativa e se define pela preponderância e pelo domínio heterônomo do inconsciente; para ele, todo id deveria se tornar eu. Se o homem, um dia, se livrar dessa determinação suprema do inconsciente, abolirá também sua própria psicologia. Aqui fica claro qual é o objeto de estudo da Psicanálise e da própria psicologia, segundo Freud: a diferenciação entre inconsciente e consciente.

No final do texto, Adorno põe alguma luz sobre qual é sua concepção de indivíduo e como a psicologia se relaciona com ela. Para o autor, a sociedade atual, extremamente reificada, produz indivíduos *desindividualizados*, reduzidos a átomos sociais, a uma mera função da coletividade. O inconsciente, objeto de estudo privilegiado da Psicanálise, passa a ser a matéria-prima do controle social sobre o indivíduo; dessa forma, ele perde sua essência crítica e transgressora.

No entanto, há uma ponta de esperança que pode ser percebida no texto adorniano quando este destaca que o indivíduo moderno não está completamente dominado, pois existe determinada "impostura", algo de encenação em sua identificação com o líder. Os indivíduos simulam, até algum ponto, o entusiasmo e sua "*visceral*" participação no grupo. Podemos pensar que fazem isso para manter o equilíbrio entre seus instintos continuamente mobilizados e a fase histórica de esclarecimento que alcançaram. O autor ainda coloca que, se parássemos para refletir por um segundo, todo o jogo de encenação entraria em colapso e o pânico tomaria conta de todos.

7 A RELAÇÃO DO CONCEITO DE INDIVÍDUO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA NA PESQUISA SOBRE *A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA*

O livro *A personalidade autoritária*, de 1950, é uma importante fonte de investigação para quem se propõe a estudar o conceito de Indivíduo na obra de Adorno e suas relações com o pensamento de Freud. Isso porque esse é o estudo no qual Adorno, em parceria com outros autores, pesquisou a personalidade do indivíduo moderno e seu caráter autoritário e, para tanto, se orientou por algumas categorias da teoria psicodinâmica da personalidade pensada por Freud. Ou seja, esse é o estudo no qual Adorno se propôs a pesquisar, de maneira teórico-empírica, um elemento importante do indivíduo contemporâneo, a personalidade autoritária – conjunto de traços psicológicos que o torna suscetível a propagandas antidemocráticas e ao preconceito – e, para pensar tal objeto, a pesquisa se orientou por conceitos psicanalíticos. A partir disso, o objetivo desse capítulo é abordar duas questões: *como* e *por que* Adorno orientou-se por conceitos psicanalíticos freudianos para pensar o indivíduo propenso ao preconceito?

Para entendermos melhor como isso se deu, vamos refletir a relação que há entre o conceito de indivíduo e o de personalidade. Como vimos em capítulos anteriores, o conceito de indivíduo na obra de Adorno é de natureza sociológica; prova disso é o fato de ele ter sido colocado pelo frankfurtiano, no livro escrito em parceria com Horkheimer (1973), entre um dos temas básicos da sociologia. Já a personalidade é uma categoria psicológica que se refere à dinâmica psíquica do indivíduo. Adorno et al (1965) definem personalidade como “uma organização mais ou menos permanente das forças internas do indivíduo” (p. 30). Forças, relativamente persistentes, que são responsáveis pela constância do comportamento do indivíduo diante de distintas situações, o que permite também que suas respostas, em diferentes circunstâncias, sejam determinadas. A partir disso, podemos afirmar que indivíduo não se confunde com personalidade; não são a mesma coisa, mas sim a personalidade é um atributo, uma propriedade, uma qualidade do indivíduo.

Devido à concepção materialista de homem de Adorno, na qual o indivíduo é entendido enquanto um produto histórico da realidade social e econômica, a personalidade não pode ser tomada de forma isolada, deve ser considerada também a partir da realidade objetiva que a constitui. Nesse sentido, o modo de produção da sociedade, ao determinar opiniões, atitudes e valores, determina também o tipo de personalidade necessária para sua própria reprodução. O conjunto das opiniões, atitudes e valores é entendido aqui como

ideologia, e um dos objetivos da pesquisa sobre *A personalidade autoritária* (1965) era responder se há correlação entre ideologia e personalidade. Ou seja, o objetivo era entender por que determinados indivíduos eram propensos às ideologias antidemocráticas, enquanto outros não eram. Será que a estrutura da personalidade torna o indivíduo suscetível ao fascismo?

Vale insistir que a personalidade é um produto do meio social e se constitui ao longo da história do indivíduo, ou seja, é social, mas se manifesta individualmente. Sendo assim, é composta de camadas psíquicas sedimentadas, formadas na relação do indivíduo com a sociedade. Assim, mesmo sendo mutável, a personalidade é uma objetivação da subjetividade, organiza-se como uma estrutura de maneira relativamente estável, impondo resistência a mudanças fundamentais.

A pesquisa sobre a *personalidade autoritária* (1965) visava estudar o indivíduo, especificamente os aspectos psicológicos suscitados pela propaganda antidemocrática. Nesse estudo, Adorno confrontou o conceito sociológico de indivíduo com a situação de opressão a que o indivíduo contemporâneo está submetido e, ao fazer isso, devido às características próprias do objeto, no caso o indivíduo propenso ao preconceito, foi levado a abordar os fatores psicológicos envolvidos em tal fenômeno, sempre considerando a estrutura psicológica como produto do modo de produção da sociedade.

Em estudos teóricos anteriores, Adorno já havia identificado algumas características que marcam o indivíduo moderno. A principal delas apontada por ele é a debilidade do ego, que se expressa de modo direto em fenômenos tais como: *dificuldade de refletir e ter uma experiência genuína com o objeto; oposição à introspecção; frieza frente à realidade; projetividade patológica; estereotipia e exagerada valorização do ego e de sua suposta força*. Com a pesquisa sobre *A personalidade autoritária (1965)* – que articulou a teoria com os dados obtidos na aplicação de escalas, entrevistas clínicas e testes de apercepção temática – somaram-se outros traços a essas características do indivíduo contemporâneo citadas acima. Esses outros traços psicológicos, que se referem diretamente ao indivíduo potencialmente preconceituoso, também expressam a debilidade do ego, porém de forma menos direta. Tais traços identificados pela pesquisa são: *convencionalismo, submissão autoritária, agressividade autoritária, destrutividade, cinismo e preocupação por fatos sexuais.* A conjunção de todas essas variáveis ou traços formam uma síndrome única, uma estrutura de personalidade, que torna o indivíduo sensível à propaganda antidemocrática. Dessa forma, ao refletir e contrapor o conceito de indivíduo com a situação do indivíduo contemporâneo,

Adorno et al (1965) identificaram um conjunto de traços psicológicos ou a estrutura geral de personalidade propensa ao fascismo que caracteriza o indivíduo contemporâneo.

Retornemos à dupla indagação que norteia os objetivos da presente pesquisa, em geral, e desse capítulo, em específico: ***como*** e ***por que*** Adorno orientou-se por categorias psicanalíticas para pensar o indivíduo propenso ao preconceito?

Alguns dos motivos – *por que* – que levaram Adorno a propor uma pesquisa como *A personalidade autoritária*, pesquisa teórico-empírica de *psicologia social psicanaliticamente orientada*, referem-se especificamente às características próprias do objeto que intentava estudar: o indivíduo preconceituoso, especialmente, o propenso ao antissemitismo.

Ou seja, devido às características específicas do preconceito, para abordá-lo, foi necessário recorrer a mais de uma área do conhecimento. Por ser determinado pelo processo de socialização e por manifestar-se individualmente como um fenômeno psicológico, torna-se fundamental utilizar não só contribuições da sociologia, mas também da Psicologia, especificamente, da Psicanálise. Porém, não basta uma articulação mecânica entre esses dois saberes; é necessário um conhecimento que mantenha a relação dialética entre os fatores psicológicos e as determinações sociais envolvidas no problema. Nesse sentido, Adorno pensa o preconceito a partir de uma psicologia social que trata da relação entre indivíduo e sociedade, sempre dentro de uma perspectiva histórica, sem esquecer que sua especificidade não se confunde exclusivamente nem com a Psicologia, nem com a Sociologia.

O preconceito é entendido aqui como atitudes hostis e opiniões negativas direcionadas a determinado grupo de indivíduos considerados inferiores em relação ao grupo ao qual o indivíduo pertence, ou pretende pertencer. Segundo Adorno et al. (1965), o grupo ao qual o indivíduo preconceituoso se identifica é o *endogrupo*, ao qual são associadas opiniões positivas e atitudes de apoio incondicional, enquanto que o grupo alvo das hostilidades, ao qual o indivíduo se contraidentifica, é o *exogrupo*, considerado inferior em relação ao endogrupo sob aspectos morais, cognitivos e estéticos. Tanto o *endogrupo* como o *exogrupo* são conceitos psicossociais e não necessariamente grupos formais ou puramente sociológicos, pois se referem mais à identificação, ou contraidentificação, do que à pertença formal do indivíduo ao grupo. Em outras palavras, o "grupo" é entendido num sentido mais amplo, enquanto um conjunto de pessoas que constituem uma entidade psicológica, isso a partir do ponto de vista do indivíduo.

Portanto, na pesquisa sobre *A personalidade autoritária*, a orientação psicanalítica foi necessária porque seu objeto de estudo, o preconceito, é um fenômeno que, mesmo constituído fundamentalmente por fatores sociais, possui importantes aspectos psicológicos

envolvidos. A irracionalidade objetiva do modo de produção capitalista suscita aspectos psicológicos de caráter irracional no indivíduo. E, para compreender a dinâmica psicológica da personalidade do indivíduo propenso ao preconceito, formado numa sociedade de massa que age de forma irracional, a Psicanálise freudiana se apresenta enquanto o conhecimento que se propõe a estudar a irracionalidade do indivíduo em sua relação com a cultura.

A divisão da sociedade em classes sociais afeta não só a relações humanas como também a própria configuração dos indivíduos que são formados nessas e por essas relações. A ordem social hierárquica impregna os pensamentos, as atitudes e as condutas dos indivíduos, segundo Adorno et al (1965), "os homens formam 'classes' psicológicas", produto subjetivo da organização objetiva da sociedade que está dividida em classes sociais. Nossa cultura de massa segue essa lógica: a relativa rigidez dos sujeitos reflete, no plano psicológico, a crescente rigidez com que nossa sociedade se divide. Ou seja, a sociedade de massa padronizada forma indivíduos padronizados, e, por isso, para compreender tal indivíduo, torna-se necessário um estudo dos tipos individuais. A partir disso, para orientar seus estudos sobre a personalidade autoritária, Adorno et al (1965) fundamentam suas hipóteses na tipologia psicodinâmica freudiana.

Outro motivo que levou Adorno et al (1965) a orientar a pesquisa sobre a personalidade autoritária segundo os cânones da teoria psicanalítica de Freud, refere-se ao fato de sua proposta de estudo privilegiar um enfoque dinâmico sobre o entendimento da personalidade. E, nesse sentido, a Psicanálise freudiana, enquanto uma teoria psicodinâmica da personalidade, serve adequadamente a esse propósito.

A partir desses motivos, resta-nos refletir ***como*** Adorno orientou psicanaliticamente a pesquisa sobre o indivíduo propenso ao preconceito. Ou seja, de que forma a Psicanálise freudiana se inseriu na pesquisa sobre a personalidade autoritária?

O ***porquê*** levou ao ***como***, ou melhor, a padronização e a tipificação do mundo social contemporâneo produz diferentes "tipos" de indivíduos, ou seja, os indivíduos estão "tipificados", padronizados, e para estudá-los, sem negar sua existência, é necessária a identificação de seus traços estereotipados. A partir de reflexões teóricas e dos dados obtidos no decorrer da pesquisa, Adorno et al (1965) chegam aos *tipos psicológicos*. Adorno justifica o uso de uma tipologia para estudar o indivíduo contemporâneo, não porque ele pensa que essa é a melhor forma *a priori* de estudar o indivíduo em geral, mas sim porque o próprio indivíduo contemporâneo está tipificado. Em outras palavras, não foram os pesquisadores que propuseram de antemão esse método, mas sim o próprio objeto o exigiu. A partir disso, os autores pensaram uma tipologia informal, preocupada em não cair num simples "biologismo";

ela deve ser contra a estereotipia do pensamento e, principalmente, com um enfoque tipológico dinâmico e social. Era uma proposta crítica às tipologias estática-biológicas, “antisociológicas”, de caráter fixo e (des)humanizante, que agrupam indivíduos em classes rigidamente pré-estabelecidas, como o que aconteceu na Alemanha nazista, onde se rotulavam seres humanos independentemente de suas qualidades específicas.

Essa tipologia foi indicada pelos dados empíricos e pelas reflexões teóricas obtidas ao longo da pesquisa sobre a personalidade autoritária e tinha como princípio último estabelecer, baseado em dois traços principais (a rigidez e o pensamento padronizado), dois extremos: de um lado, o indivíduo extremamente padronizado, que pensa segundo normas fixas, e, de outro lado, o indivíduo verdadeiramente “individualizado”, que se opõe à padronização da experiência humana. Os tipos individuais teriam sua configuração específica compreendida dentro do espectro entre esses dois extremos.

A partir dos tipos psicológicos, indicados pelos dados empíricos obtidos por meio da aplicação de escalas e de entrevistas clínicas, foram formuladas hipóteses dentro dos cânones da teoria psicanalítica freudiana. Ou seja, o enfoque na dinâmica psicológica foi orientado por categorias da Psicanálise pensada por Freud.

Os tipos psicológicos que estão compreendidos entre esses dois extremos diferem entre si por dar relevância a um ou a outro dos vários traços psicológicos citados acima ou pela dinâmica que estabelece entre esses traços. Os tipos ou as síndromes são formados por todos os traços identificados pela pesquisa, têm uma estrutura geral; o que muda é a relação dinâmica que há entre eles. A configuração dinâmica entre os diversos traços dará o “*tom*” do tipo psicológico.

Em alguns tipos específicos, os conceitos psicanalíticos foram mais utilizados que em outros, isso por causa da própria dinâmica psíquica de cada um deles. Em alguns, como o “*ressentido manifesto”*, não foi necessário analisar os padrões psicológicos envolvidos, já que esse fenômeno não é bem um “tipo” psicológico, ele não se caracteriza por padrões irracionais de comportamento, mas sim um elemento sociológico do problema. No tipo “*despreocupado*” acontece algo semelhante, só que de maneira diferente; ele é sim considerado um tipo psicológico, com aspectos irracionais envolvidos, mas nele não se encontra cristalizado qualquer padrão fixo de controle por parte das “entidades” psicodinâmicas representadas na tipologia freudiana, ou seja, nesse caso, a estrutura de caráter não está “petrificada”, o que mantém as pessoas dessa síndrome “abertas” à experiência. Isso faz com que a análise baseada nas categorias psicanalíticas de Freud seja mais branda e menos necessária.

As categorias psicanalíticas freudianas mais utilizadas por Adorno nessa pesquisa foram *Complexo de Édipo, id, ego, superego e narcisismo*. As questões mais frequentes foram: como se deu a resolução do Complexo de Édipo (se é que ela ocorreu)? Como se dá a dinâmica entre id, ego e superego?

Um bom exemplo é a análise realizada sobre o tipo "*autoritário*", que é impregnado de categorias psicanalíticas. Esse tipo é um dos que mais se aproxima da estrutura de personalidade de caráter fascista. As hipóteses levantadas são que essa síndrome segue o padrão psicanalítico "clássico" de resolução sadomasoquista do Complexo de Édipo. O sujeito se adapta à sociedade encontrando prazer na obediência e na subordinação, isso respaldado pela própria organização social atual que gratifica tendências sádicas e masoquistas. A impossibilidade de amar a mãe resulta em um ódio pelo pai e, no caso do *"caráter autoritário"*, mediante reações reativas, esse ódio se transforma em amor. Segundo a hipótese levantada pelos autores, baseada na Psicanálise freudiana, essa transformação gera um tipo específico de superego: parte da agressividade que seria direcionada contra o pai, agora é absorvida e convertida em masoquismo, e a outra parte se converte em sadismo, que é direcionada contra aqueles com quem o sujeito não se identifica, o exogrupo. Nesse tipo de caráter, o sujeito estabelece uma relação ambivalente com a figura do pai.

A dinâmica psicológica vai mudando de tipo para tipo. Na síndrome "*Rebelde e psicopata*", ao invés da identificação com a autoridade paterna, ocorre a "insurreição" contra a mesma. Nesse caso, a resolução do Complexo de Édipo leva ao ódio cego e irracional contra toda autoridade, além de gerar fortes tendências destrutivas. Porém, devido à "externalização" do superego e de sua completa atrofia, a odiada autoridade paterna é derrubada para ser substituída por outra. Por causa do deficiente desenvolvimento do superego, o ego também é pouco desenvolvido, apesar do egoísmo manifestado por essas pessoas.

Às vezes, as diferenças psicodinâmicas entre os tipos são sutis. Um exemplo disso são as semelhanças psicodinâmicas que o "*manipulativo*" guarda em relação ao "*autoritário*", ambos se aproximam do caráter anal "clássico" concebido por Freud, com fortes tendências a apresentarem comportamentos compulsivos. Já a diferença encontra-se no extremo narcisismo do "*caráter manipulativo*", característica que no "*autoritário*" não se destaca.

Outra variação na dinâmica psicológica que gera hipóteses psicodinâmicas diferentes é a que ocorre entre o sujeito do tipo "*autoritário*" e o sujeito do tipo "*protestador*". Eles estão em extremos opostos do espectro da síndrome geral da personalidade de caráter fascista, e, nesse sentido, podemos considerar um como a contrapartida do outro: o "*autoritário*" está próximo do extremo no qual o sujeito é padronizado, inflexível e de pensamentos

estereotipados, enquanto que o "*protestador"* encontra-se próximo do tipo de sujeito "individualizado", flexível, capaz de refletir e ter experiências genuínas com a particularidade do objeto. A resolução do Complexo de Édipo do "*protestador"* o leva a se opor à autoridade paterna, mas, ao mesmo tempo, internalizar a imagem do pai. Nesse caso, seu superego, com melhores condições de se desenvolver, apresenta-se de maneira tão forte que se volta contra o próprio modelo, o pai, além de se opor a todas as outras formas de autoridades externas. Outra característica psicodinâmica importante que marca tal síndrome é o fato desse tipo de sujeito – o "*protestador*" – orientar-se predominantemente por sua consciência. A internalização do superego proporciona maiores possibilidades de o sujeito mediar suas ações com uma consciência relativamente autônoma. No entanto, junto com a internalização do superego é internalizada também a culpa, que acompanha esse tipo de indivíduo de maneira marcante. A internalização da consciência e os intensos sentimentos de culpa chegam, por vezes, a "paralisar" psicologicamente esses sujeitos.

A debilidade do superego e do ego em determinados casos, como no do tipo "*impulsivo*" e do "*rebelde* e *psicopata*", leva o indivíduo a agir sob forte influência do id, identificando-se com tudo o que é reprimido. A diferença entre esses dois tipos é a presença de impulsos destrutivos: o "*impulsivo*" está relativamente livre deles, enquanto o "*rebelde*" não. Essa debilidade faz com que esses indivíduos sejam instáveis politicamente.

O tipo "*liberal genuíno*" é aquele que mais se aproxima do sujeito "individualizado", com profundo sentido de independência e autonomia pessoal, que "não admite nenhuma ingerência externa em suas crenças e convicções pessoais, e tão pouco deseja intrometer-se nas dos demais" (ADORNO et al, 1965, p. 727). Esse tipo de sujeito apresenta o ego desenvolvido, ainda que pouco libidinizado; raramente apresenta atitudes narcisistas. Devido à boa capacidade de mediação egoica, esse sujeito tem boas condições de aceitar as exigências do id e de suportar as consequências impostas pelo princípio de realidade, assim como acontece com o "tipo erótico" de Freud. O tipo "*liberal genuíno*" aproxima-se do ideal de indivíduo defendido pelo liberalismo do século XIX. Vale destacar que ele é "individualizado" e não individualista, já que vê os outros, sobretudo, como indivíduos em suas particularidades, e não como um espécime de um conceito geral.

Vale notar que nas reflexões sobre o tipo "*liberal genuíno*", Adorno et al (1965) se aproximam bastante de um ideal de homem, um ideal de indivíduo liberal-burguês que não tem condições objetivas de existir na organização social contemporânea. Por que então Adorno colocou em sua tipologia um tipo de indivíduo que não existe e não tem condição objetivas de existir nos tempos atuais? Justamente para denunciar a falácia que é a ideia

moderna de indivíduo. Podemos perceber que é um ideal pensado por Adorno e seus colaboradores enquanto algo que não existe, uma construção teórica de caráter negativo, que busca apontar o tanto que o indivíduo moderno não é um indivíduo verdadeiramente "individualizado", mas sim um sucedâneo disso, um subproduto, um falso indivíduo, um "individualista". Esse ideal é fundamentado no ideal de homem freudiano, no qual se dá o equilíbrio – impossível de ocorrer atualmente – entre *id, ego*, e *superego.*

A partir do exposto acima, podemos perceber que alguns conceitos da Psicanálise freudiana foram utilizados por Adorno com objetivos determinados e específicos. Eles foram utilizados em conjunto com análises sociológicas sobre o fenômeno, e não de forma isolada. As resoluções possíveis do Complexo de Édipo estavam em consonância com fatores sociais que as determinavam. As dinâmicas possíveis entre o id, o ego e o superego só ocorreram devido às condições sociais e econômicas. Tais categorias não representam uma tentativa de aplicação da Psicanálise ou uma proposta de tratamento psicoterápico. A tipologia pensada por Freud e que orientou os trabalhos sobre a personalidade autoritária serviram para mostrar como o indivíduo moderno está tipificado. Não é uma tipologia com fins terapêuticos, criada para auxiliar no diagnóstico ou no prognóstico de indivíduos doentes, mas sim comprometida com a denúncia de uma deformação sofrida pelo indivíduo causada pela cultura de massa contemporânea. Vale lembrar que nem o preconceito nem o indivíduo são fenômenos determinados subjetivamente ou psicologicamente, mas produzidos pela realidade objetiva, e é essa sim que produz, de acordo com as necessidades econômicas e sociais de determinado momento histórico, a subjetividade e a psicologia que melhor convém à sua própria reprodução.

Essa última parte da pesquisa assume um caráter conclusivo visto que seu objetivo coincide com o objetivo da pesquisa: *como* e *por que* Adorno recorreu à Psicanálise de Freud para estudar o indivíduo? No processo de procurar responder a essa pergunta percebemos que algumas ideias freudianas foram mais refletidas por Adorno que outras; tais ideias são: *inconsciente, libido, psicologia de massa, Complexo de Édipo, id, ego, superego e narcisismo*. Elas foram refletidas para atender a uma demanda colocada por um de seus objetos de estudo, o indivíduo contemporâneo massificado e seus comportamentos irracionais. Tais ideias foram pensadas mediante um criterioso processo crítico, foram confrontadas à situação de dominação que os indivíduos contemporâneos vivem para que daí surgisse seu caráter de crítica à sociedade. A grande pergunta que Adorno intentava responder é por que os indivíduos agem contra seus próprios interesses? Essa atitude é irracional e só uma ciência psicológica, no caso a Psicanálise de Freud, pode abordar o irracional manifesto no indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale destacar aqui a função política da presente pesquisa. Todas as justificativas teóricas para o presente estudo já foram realizadas ao longo da dissertação, mas, nesse momento, explicitar as justificativas políticas se faz necessário. O que queremos com esta pesquisa? Qual a finalidade dessas reflexões? Alguns estudiosos da obra de Adorno não consideram *relevante* a apropriação que esse autor pode ter tido em relação à Psicanálise de Freud, não consideram que o pensamento do frankfurtiano é *tributário* das reflexões freudianas. Temos sempre que ser justos com nosso objeto de estudo e com os autores que estudamos. Diante disso afirmamos, com convicção, que *relevante* a Psicanálise de Freud com certeza foi ao pensamento de Adorno, principalmente, em alguns temas específicos estudados por ele. Mas também afirmar que as reflexões de Adorno são *tributárias* da Psicanálise de Freud implica algum exagero; não podemos afirmar que a Psicanálise foi imprescindível na constituição do pensamento de Adorno, pois existem temas, e não são poucos, discutidos pelo alemão em que os conceitos da Psicanálise não são identificáveis. O que podemos afirmar é que, frente a alguns objetos estudados pelo teórico crítico, a Psicanálise freudiana se fez presente e necessária. Claro que Adorno não se relacionou com conceitos da Psicanálise freudiana sem críticas. Devemos levar em conta, como fizemos no primeiro momento da pesquisa, as condições históricas e sociais presentes na época em que Adorno, em específico, e a Teoria Crítica, em geral, se relacionaram com o pensamento de Freud. Vale salientar que determinadas condições políticas e teóricas contribuíram para que essa relação acontecesse: a Psicanálise, naquela época, gozava de determinado prestígio na cultura europeia; e outros pensadores da Escola de Frankfurt já se interessavam por ela antes mesmo de Adorno, como é o caso de Horkheirmer. Essa relação não foi irrelevante e muito menos ao acaso; tiveram motivos objetivos para que ela acontecesse, e isso não podemos desconsiderar. E até mesmo pelo simples fato de essa relação ser polêmica e pouco esclarecida, vale a pena ser estudada e discutida. Mais do que valorizar as referências psicanalíticas freudianas no pensamento de um teórico social como Adorno, a presente pesquisa visa destacar a importância de se considerar a relevância e o papel da dimensão psicológica nos fenômenos sociais atuais. Como a dominação da Psicologia dos indivíduos se insere na discussão sobre a dominação social contemporânea? Ou seja, esta dissertação visa destacar a importância da investigação dos processos psicológicos para se entender o particular inserido no mundo administrado e, com isso, contribuir com os estudos sobre a sociedade contemporânea. Claro que tudo isso ocorre

sem se perder de vista o fato de que tais mecanismos psicológicos são determinados socialmente.

A presente pesquisa não nos deixa esquecer o tanto que o inconsciente é a sedimentação histórica da dominação do homem sob si mesmo, destaca o tanto que ele, atualmente, é o resultado irracional da dominação racional e objetiva do ser humano sobre a natureza, de forma geral, e sobre sua própria natureza, em específico. Um dos principais intuitos da reflexão proposta aqui é contribuir com o discurso, defendido também por Adorno, de que não existe inconsciente fora da civilização, extraído da sociedade e da cultura. O inconsciente é o "resto", o "vestígio" cultural de séculos de dominação social sobre os indivíduos; o resultado, não desejado pelo poder social dominador, de tudo o que foi negado. Ele tem origem social, mas se manifesta fundamentalmente no indivíduo e em sua psicologia. A cultura é a *materialidade* do inconsciente, a gênese objetiva da irracionalidade abstrata que ele encerra. A dominação sobre negros, mulheres, pobres, crianças, velhos, crenças religiosas, concepções políticas etc, produziu, ao logo do tempo, "*não-ditos*", conteúdos culturais proibidos que se reproduzem *pela* e *na* cultura, "por entre suas linhas", perpetuando-se culturalmente de forma irracional e não apreensível, ao menos em princípio, pela consciência. Todo esse efeito da dominação social se manifesta psicologicamente nos indivíduos, e vale destacar que, atualmente, toda essa força irracional está sendo administrada para manter a dominação social do homem sob si próprio.

O processo de formação dos indivíduos ocorre *na* e *pela* sociedade, ou seja, originalmente, são as relações sociais e culturais que constituem o indivíduo. Estas o formam desde sua vida consciente e racional até sua existência inconsciente e irracional (afirmamos isso sem querer reduzir a consciência à razão e muito menos o inconsciente ao irracional). Seguindo nesse sentido podemos até dizer que a essência do indivíduo é social; seu núcleo é a sociedade. Chega a ser uma redundância dizer *processo de formação social e cultural do indivíduo*, pois toda a formação do indivíduo é social e depende da cultura. A partir disso chegamos a uma questão de particular relevância: o indivíduo se forma *na* e *pela* cultura, seu núcleo é social e esse processo não ocorre exterior a ele, simplesmente *de fora para dentro*; não é que a sociedade forma o indivíduo de fora, exterior a ele. A sociedade forma o indivíduo *por dentro*, o que há de mais íntimo e singular no indivíduo é social e é a partir dessa configuração especificamente particular e, ao mesmo tempo, social que se constitui a individualidade, entendida aqui como uma propriedade do indivíduo.

Entendendo o indivíduo e seu processo de formação a partir dos pressupostos expostos acima, chegamos à reflexão, básica na presente pesquisa, de que o indivíduo atual,

devido à configuração social contemporânea, vem tendo seus processos mentais administrados por uma racionalidade tecnológica produzida pelo modo de reprodução social contemporâneo. Nos dias atuais há, como nunca, uma dominação psicológica do particular, um tipo de dominação social que atua na formação do indivíduo e de sua psicologia, formando indivíduos psicologicamente propensos à manutenção da sociedade atual que se baseia na violência e na exploração do homem pelo próprio homem. Nesse sentido, os indivíduos *atuam*, ao mesmo tempo, como vítimas e algozes de si mesmos. Esse é um bom exemplo da expressão da irracionalidade presente nas atitudes e nos comportamentos individuais, ou seja, os indivíduos agem ativamente e de maneira favorável ao processo que os domina e os aniquila *homeopaticamente*, pouco a pouco.

Não podemos correr o risco de fazer uma observação fácil sobre esse fenômeno, de se abster de uma reflexão profunda, e afirmar que os indivíduos são simplesmente vítimas hipnotizadas por um líder sedutor e poderoso. Devemos abordar o fenômeno por meio de uma análise cuidadosa: o ego nesse processo exerce um papel importante, se não pela função consciente que ele deveria assumir, mas sim por sua dimensão inconsciente que acaba contribuindo sobremaneira com a irracionalidade do sistema econômico e político no qual esses indivíduos (sobre)vivem. O indivíduo *pseudo*formado possui um ego com poucas condições de mediar sua vida de maneira racional e consciente, por isso acaba agindo de maneira irracional, preconceituosa e, muitas vezes, contra sua autoconservação. O ego se apresenta atualmente com claras tendências irracionais e inconscientes. Se a análise do fenômeno não compreender e considerar que o indivíduo age ativamente a favor desse processo de dominação, corre-se o risco de se render aos próprios “slogans” totalitários que colocam o indivíduo na posição de passividade, vítima de um contágio passivo. Tais argumentos levam à impotência individual, que acontece de fato, mas que também tem forte teor ideológico.

Adorno (1951) chega a afirmar que os indivíduos massificados não se identificam totalmente com o líder; eles fingem e simulam tal identificação, encenam seu entusiasmo, ou seja, participam do processo de sua própria dominação como protagonista, o agente de sua própria mazela. Claro que não estamos aqui afirmando simplesmente que tudo o que acontece com ele é devido a ele próprio; o que estamos fazendo é analisando a parcela de responsabilidade do indivíduo frente a esse processo, como determinadas condições acabam sendo mantidas devido à ação individual. Essa tal encenação dos indivíduos apazigua seus anseios instituais, mobilizados pela situação vivida em massa; equilibra a força de tais anseios com a possibilidade, ao menos histórica, vivida pelos indivíduos contemporâneos, de mediar

essa relação de maneira consciente e racional. Podemos observar no texto de Adorno (1951) essa reflexão:

> A categoria da "impostura" (phonyness) se aplica aos líderes tanto quanto ao ato de identificação por parte das massas e a seus supostos frenesi e histeria. Do mesmo modo que, no fundo do coração, as pessoas pouco creem nos judeus como demônio, elas também não acreditam completamente no líder. Não se identificam realmente com ele, mas simulam essa identificação, encenam seu próprio entusiasmo e participam, assim, da performance de seu líder. É por meio dessa encenação que atingem um equilíbrio entre seus desejos instintuais continuamente mobilizados e a fase histórica de esclarecimento que alcançaram e que não pode ser arbitrariamente revogada. É provavelmente a suspeita do caráter fictício de sua própria "psicologia de grupo" que torna as multidões fascistas tão inabordáveis e impiedosas. Se parassem para raciocinar por um segundo, toda a encenação desmoronaria, e só lhes restaria entrar em pânico. (p. 188)

Visto dessa forma, voltamos a afirmar que Adorno entende o indivíduo contemporâneo enquanto *alguém que sabe o que faz e assim mesmo faz*. Essa certa "impostura cínica" acontece inclusive sobre o fato de ele possuir um corpo administrado. Ele sabe e sente a dominação no próprio corpo, na própria carne e vísceras. Um exemplo da dominação do corpo contemporâneo é o fato de as pessoas trabalharem horas a fio, mesmo que isso seja extremamente sofredor, e mesmo assim os indivíduos o fazem. A Psicanálise de Freud se insere nesse ponto da discussão; ela contribui para o esclarecimento dos motivos de os indivíduos *agirem a favor da sua própria opressão.*

Existe, portanto, dois aspectos a serem analisados na postura dos indivíduos em processo de desindividualização imposto pela massa: o primeiro é a postura passiva do indivíduo diante desse processo – a partir desse ponto de vista o indivíduo é considerado iludido e hipnotizado pelos mecanismos impostos autoritariamente pela cultura de massa contemporânea; já o segundo aspecto considera o indivíduo agindo ativamente a favor de seu processo de dominação – ele age ativamente porque existem desejos nele que são satisfeitos nesse processo; ele, de alguma forma, *goza* com essa dominação.

No decorrer desta dissertação existiram momentos em que usamos o termo indivíduo e, em outros, o termo *sujeito*. Não há necessidade de retomar agora todas as nuances do conceito de Indivíduo, visto que já o fizemos ao longo do trabalho, mas a utilização do termo sujeito vale a pena esclarecer. O termo *sujeito* foi prioritariamente utilizado em momentos nos quais pretendíamos expressar a possibilidade de o indivíduo agir ativamente, em contraposição aos momentos em que ele se mostra passivo diante de sua vida e de sua condição. Essa situação de ser ativo ou passivo diante da vida é ambígua na discussão teórica

porque o próprio objeto ao qual ela se refere é ambíguo. Um exemplo disso é o fato de o indivíduo ser, por vezes, sujeito que age ativamente a favor de sua própria opressão. É difícil determinar claramente até que ponto o indivíduo contemporâneo é ativo em seu cotidiano ou é passivo diante de suas mazelas; talvez ele seja *ativamente passivo* ou *passivamente ativo* frente à violência nele suscitada e contra ele direcionada. Então, o termo sujeito utilizado aqui se refere a uma possível atitude ativa e ambígua do indivíduo contemporâneo, que não é uma condição plena, apenas uma faceta da problemática vivida por ele. Nosso objeto de estudo – o indivíduo – é, ao mesmo tempo, *sujeito* e *sujeitado*. O indivíduo pode ser sujeito, mas às vezes não o é.

Esse foi um trabalho sobre a determinação social do sujeito contemporâneo; ele apontou as mazelas que esse indivíduo sofre e se faz sofrer. Quanto mais fizermos essa discussão presente e viva na sociedade, mais teremos condições de formarmos indivíduos para fazer frente a essas condições desumanas de sobrevivência. Uma sociedade que pretende construir uma educação que visa a formação do indivíduo em sujeito de sua própria história, em sujeito humano e humanizador, é uma sociedade que proporciona relações livres e autônomas entre seus indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. De la relacion entre sociología y psicología (1955). In: ADORNO, T. W. *Actualidad de la filosofía*. Barcelona: Paidós, 1991.

_____. *Actualidad de la filosofia*. Barcelona: Paidós, 1991.

_____. *Dialéctica negativa***.** Madri: Taurus, 1992.

_____. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Sociology and psychology (1955). *New Left Review*, Londres, 46, nov./dez., 1967.

_____. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista (1951). *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, n. 7, mai. 2006.

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; & SANFORD, R. N. (Ed.). *La. personalidade autoritaria.* Tradução de CIMBLER, D.; CYMLER, A. Buenos Aires: Proyéccion, 1965. (Original publicado em 1950.)

CROCHIK, J. L. A (Im)Possibilidade da psicologia política. In: AZEVEDO, M. A.; MENIN, M. S. S. (Org.) *Psicologia e política:* reflexões sobre possibilidades e dificuldades deste encontro. São Paulo: Cortez; São Paulo: FAPESP, 1995.

_____. Adorno e a psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 20, p. 297-305, 2008.

FREUD, S. Psicologia do grupo e a análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 89-179. Rio de Janeiro: Imago, 1921 (1921).

GOMIDE, A. P. A. *Um estudo sobre os conceitos freudianos na obra de T. W. Adorno.* 2007. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. O indivíduo. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Temas básicos da sociologia* (1953). São Paulo: Cultrix, 1973.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JACOBY, R. *Amnésia social:* uma crítica à psicologia conformista, de Adler a Laing. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

JAY, M. *A imaginação dialética:* história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt:* história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difel, 2006.